

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LEÍSE ALVES PEREIRA

**RELAÇÕES ENTRE O PROGRAMA ITATIAIA PATRULHA E AS MATRIZES DO
JORNALISMO POPULAR E DO JORNALISMO POLICIAL**

UBERLÂNDIA

2024

LEÍSE ALVES PEREIRA

**RELAÇÕES ENTRE O PROGRAMA ITATIAIA PATRULHA E AS MATRIZES DO
JORNALISMO POPULAR E DO JORNALISMO POLICIAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Faculdade de Educação da Universidade
Federal de Uberlândia como requisito parcial
para obtenção do título de bacharel em
Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Nuno Manna

Uberlândia
2024

AGRADECIMENTOS

O processo de escrita do TCC é rodeado de incertezas, em contrapartida, reconheço que este ciclo foi repleto de amadurecimento, aprendizados e extremamente gratificante. Hoje, se encaminhando para o fim, dou graças a Deus, pois sem ele nada seria possível.

O sonho de concluir a graduação não era só meu, compartilho também com meus pais, Vilene e Sady. Agradeço imensamente a eles que durante todos esses anos se desdobraram para me ajudar e apoiar. Meus sinceros agradecimentos por todo incentivo e confiança a mim depositados. Gostaria de mencionar também a minha cachorra Dalila, que me trouxe alegria por 14 anos e, quando eu me preparava para escrever esses agradecimentos, descansou.

Estar longe de casa ao passar dos anos se torna mais fácil, isso porque encontramos pessoas que nos dão coragem. As palavras que escrevo aqui não são suficientes para agradecer a todos que encontrei nessa minha trajetória. Aos meus amigos que nem sempre estiveram em União, mas tenho certeza de que somos cúmplices de uma amizade sincera, vocês são especiais. Ao João Pedro pelo nosso reencontro e também por todas as vezes que escutou e apoiou minhas ideias com entusiasmo. A Lorena, com quem compartilho uma amizade que me incentiva todos os dias a desbravar esse mundão. Não poderia deixar de agradecer às pessoas com as quais tive a oportunidade de compartilhar moradia, jogos, coberturas esportivas, estágio, ensaios, reuniões e festividades. Obrigada por serem vocês.

Agradeço também aos professores e demais profissionais que participaram da minha formação acadêmica. Destaco três professoras importantes para o meu desenvolvimento na graduação. Maria Eliza Guerra por me orientar no projeto de extensão do Observatório do Plano Diretor de Uberlândia (OPD UDI), a professora Christiane Pitanga, por todo incentivo e auxílio na escrita do artigo “Plano de comunicação do OPD UDI: exercício da cidadania e projeto de revisão”, apresentado no Intercom 2023. E a professora Mirna Tonus, sempre solicita e que prontamente se colocou à disposição para integrar a banca.

Em especial, menciono meu orientador, Nuno Manna. Obrigada por receber e acreditar nesse trabalho quando ele parecia não fazer sentido em meio a tantas dúvidas que me rodeavam. Sempre com bom humor, paciência e excelência em seu trabalho. — Você disse que ia dar ótimo! Eu confiei e mais uma vez, muito obrigada!

Por fim, agradeço também a mim. Principalmente aquela Leíse que há cinco anos teve coragem de se imaginar como futura jornalista. Que alegria visualizar um trabalho de conclusão de curso da minha tão sonhada graduação em Jornalismo na Universidade Federal de Uberlândia. Obrigada por me acolher tão bem, UFU. Você me preparou para alçar novos voos. Tenho certeza disso e me sinto pronta!

“Falo ao microfone como se estivesse conversando. Há um contato com o público, a gente vibra, se emociona [...]”

(Gomes, 1987)

PEREIRA, Leíse Alves. **Relações entre o programa itatiaia patrulha e as matrizes do jornalismo popular e do jornalismo policial**. p. 72 monografia (Curso: Jornalismo). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2024.

RESUMO

Este trabalho se propõe a analisar quais as relações do programa radiofônico Itatiaia Patrulha com as matrizes do jornalismo popular e do jornalismo policial. A pesquisa contou com a análise das edições dos dias 08 a 12 de janeiro de 2024, veiculadas na rádio Itatiaia FM 95,7, sem haver ocasião específica, focando apenas em se tratar de uma semana regular do programa. Nesse processo, buscou-se fundamentar no conceito de jornalismo popular e jornalismo policial para que, ao analisar os episódios, fosse possível compreender quais são as estratégias comunicativas utilizadas no Itatiaia Patrulha. Tendo em vista que o programa em questão concentra-se em dramas pessoais, casos de violência, assassinatos e tragédias diversas, foram escolhidos alguns operadores analíticos, como entrevistas, estética do jornalismo policial e superexposição da violência. Desse modo, conseguimos nortear o conteúdo e discussões presentes nos cinco episódios e entender como os pontos que mais chamaram atenção se aproximam do sensacionalismo, dos discursos moralistas, do superdimensionamento do fato e outros elementos que compõem a estética policialesca do programa. Os resultados deste trabalho apontam que, como os jornais populares, o Itatiaia Patrulha busca fortalecer sua proximidade com a audiência. Para tal finalidade, se empenha em pontuar os acontecimentos por meio de uma linguagem coloquial, com a presença de ditados populares e chavões, além de conter discursos próximos do melodrama. Somado a isso, nota-se que o jornalismo policial que o programa pratica se apoia em uma linguagem descritiva dos fatos com ênfase nas histórias, facilitada pelo uso de elementos sensacionalistas, bordões, frases clichês e repetição de informações.

Palavras-chave: jornalismo policial; jornalismo popular; Itatiaia Patrulha; rádio.

PEREIRA, Leíse Alves. **Relações entre o programa Itatiaia Patrulha e as matrizes do jornalismo popular e do jornalismo policial**. p. 72 monografia (Curso: Jornalismo). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2024.

ABSTRACT

This work aims to analyze the relationships between the radio program Itatiaia Patrulha and the matrices of popular journalism and police journalism. The research included the analysis of editions from January 8th to 12th, 2024, broadcast on radio Itatiaia FM 95.7, without any interference or specific occasion. Considering that the program in question focuses on personal dramas, cases of violence, murders, and various tragedies, some analytical operators were chosen, such as interviews, aesthetics of police journalism, and overexposure to violence. In this process, we sought to base ourselves on the concept of popular journalism and police journalism so that, when analyzing the episodes, it was possible to understand what communicative strategies were used in Itatiaia Patrulha. In this way, we were able to guide the content and discussions present in the five episodes and understand how the points that attracted the most attention come close to sensationalism, moralistic discourses, the over-dimensioning of the facts, and other elements that make up the program's police aesthetic. The results of this work indicate that popular newspapers seek to strengthen their proximity to the audience. To this end, they strive to punctuate events through colloquial language, with the presence of popular sayings and clichés, in addition to containing speeches close to melodrama. Additionally, it is noted that police journalism relies on a descriptive language of facts with an emphasis on stories, facilitated by the use of sensationalist elements, catchphrases, clichéd phrases, and repetition of information.

Keywords: police journalism; popular journalism; Itatiaia Patrulha; radio.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 -	Capa do jornal Super Notícia (26/05/2018).....	19
Imagem 2 -	Primeiro Impacto (19/02/18).....	19
Imagem 3 -	Geral do povo (03/03/24).....	20
Imagem 4 -	Alerta Nacional apresentado por Sikêra Jr.....	20
Imagem 5 -	Aqui Agora (18/01/1997).....	32
Imagem 6 -	Cidade Alerta Record (29/02/2024).....	33
Imagem 7 -	Capas de reportagens exibidas no Brasil Urgente (28/02/2024).....	33
Imagem 8 -	Abertura Itatiaia Patrulha (10/01/2024).....	40
Imagem 9 -	Renato Rios Neto exhibe cartaz “a casa caiu!”.....	43
Imagem 10 -	Brasil Urgente com José Luiz Datena.....	53
Imagem 11 -	Cidade alerta com Marcelo Rezende.....	53
Imagem 12 -	Renato Rios Neto e Amanda Antunes - Itatiaia Patrulha (10/01/2024)..	55
Imagem 13 -	Cidade Alerta com Marcelo Rezende e Percival de Souza.....	56

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AM	Amplitude Modulada
BG	Background
Cel.	Coronel
FM	Frequência Modulada
I.P.	Itatiaia Patrulha
PM	Polícia Militar
PMMG	Polícia Militar de Minas Gerais
ROTAM	Rondas Ostensivas Táticas Metropolitanas
Sgt.	Sargento
TCP	Terceiro comando puro
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 JORNALISMO POPULAR.....	16
2.1 Jornalismo popular no rádio: breve histórico.....	22
3 JORNALISMO POLICIAL.....	28
3.1 Mercado do jornalismo policial.....	30
3.2 Jornalismo policial de sensações.....	30
3.3 Estilo policiaisco.....	34
4 ITATIAIA PATRULHA: MOSTRANDO A VERDADE NUA E CRUA, A VIOLÊNCIA QUE SANGRA A CIDADE.....	39
4.1 Contexto.....	41
4.2 Entrevistas.....	43
4.3 Estética do jornalismo policial.....	51
4.3.1 Chavões.....	57
4.3.2 Análises dos episódios do Itatiaia Patrulha.....	58
4.4 Superexposição da violência.....	61
4.4.1 Análises dos episódios do Itatiaia Patrulha.....	62
5 CONCLUSÃO.....	68
REFERÊNCIAS.....	70

1 INTRODUÇÃO

De uns anos pra cá, questionamentos sobre as pessoas escutarem ou não rádio sempre surgem no meio jornalístico. Isso porque o aparelho teve seu auge nos anos 1930 até 1960, antes do surgimento e popularização da televisão. Atualmente, temos a impressão de que a geração Z não possui o hábito de sintonizar em rádios, por mais que estejam naturalmente imersas em ambientes digitais, mas o que difere é que possuem à disposição diferentes plataformas de áudio que permitem a esse usuário montar playlists conforme seu gosto pessoal. No entanto, essa percepção é refutada por um estudo anual da Kantar IBOPE Media, pois os dados apontam que, em 2023, 83% da população brasileira consumiu rádio no país. Na verdade, a diversidade de plataformas possibilitou o acesso a conteúdos e emissoras de rádios do país inteiro por meio das webrádios, e isso se tornou um impulsionador para o consumo persistir na rotina dos brasileiros. O estudo mostra ainda que, em algumas regiões, como Belo Horizonte (MG) e Porto Alegre (RS), o consumo chega a 84% e o tempo médio é de mais de 3h50 por dia.

Os dados acima reforçam que todos os dias um número considerável de pessoas sintoniza seu aparelho de rádio na frequência modulada de seu gosto. Antigamente, antes da extinção do AM, pessoas de regiões mais interioranas conseguiam se conectar nas estações de amplitude modulada. Visando alcançar cada vez mais um público diversificado, o rádio precisou se adaptar para atender inúmeras mudanças, fossem elas advindas dos avanços tecnológicos ou então da audiência. Blois (1996) destaca o rádio como o mais abrangente veículo de comunicação presente no cotidiano brasileiro, embala sonhos, desperta emoções e ainda ajuda no trabalho educativo.

A escolha do tema aconteceu pela minha identificação com as ondas sonoras, além do hábito de ouvir programas radiofônicos desde muito nova. Durante a graduação, tive a oportunidade de coordenar o setor de rádio do Arq.UFU. Participando do ArqCast pude contribuir com a ideia de incorporar novos efeitos sonoros no *podcast*, buscando estabelecer uma conexão com o público-alvo por meio de uma vinheta que evoca diversas modalidades esportivas e temas relacionados. Esse contato foi importante para eu despertar a curiosidade de entender como o rádio estabelece sua intencionalidade de trazer o ouvinte para perto. Com esse interesse optei por analisar o programa policial Itatiaia Patrulha, presente na rotina de pessoas do meu convívio, e a partir disso, entender como ele dialoga com sua audiência.

Com um funcionamento de 24 horas, a programação da Rádio Itatiaia é dividida em diferentes editorias, tais como: política, mundo, finanças, gastronomia, entretenimento e

esporte. É por meio dessas divisões que os programas se moldam para ir ao ar e seguir a linha editorial proposta, assim como o Itatiaia Patrulha. Considerando ainda a tradicionalidade do aparelho de rádio, recém completado 100 anos, o presente trabalho busca compreender como o Itatiaia Patrulha, um programa radiofônico policial da emissora Itatiaia, estabelece ou não relações com as matrizes do jornalismo policial e do jornalismo popular. Para isso, o procedimento adotado foi realizar um levantamento teórico sobre essas duas tradições jornalísticas que ajudassem a analisar cinco episódios veiculados ao longo de uma semana qualquer, sem haver interferência ou ocasião específica. O programa radiofônico tem se destacado como fonte confiável de informação do jornalismo policial, atuando como uma testemunha ativa dos acontecimentos da cidade e investigações criminais, é o que pontua a seção do programa no site oficial. No ar desde 5 de julho de 1975, o Itatiaia Patrulha trabalha com dramas pessoais, casos de violência, assassinatos e tragédias diversas. Essas são as pautas recorrentes para repórteres e entrevistados do programa.

As primeiras impressões sugerem que a abordagem dos jornalistas em relação aos casos de crimes e violência reflete um compromisso social evidente, pautado na busca incessante pela relevância e precisão da informação. Considerando o impacto desses eventos na vida de diversas pessoas, incluindo vítimas, testemunhas e a audiência em geral, os repórteres demonstram um constante esforço em extrair informações adicionais além das fornecidas nos registros oficiais. Para isso, direcionam sua comunicação de forma empática e engajada com o público, ao mesmo tempo em que retomam e aprofundam temas previamente abordados durante as entrevistas.

Paralelo a isso, outras observações indicavam que Renato Rios Neto e os repórteres, Amanda Antunes e Oswaldo Diniz adotam uma postura firme e tecem comentários intensos sobre o que tem acontecido no cotidiano da cidade. Por outro lado, nota-se que caso o desfecho tenha sido favorável às cobranças pregadas no Itatiaia Patrulha, o apresentador parabeniza e reconhece o trabalho das forças policiais e reforça que “a casa caiu”.

Comentários de que a casa vai cair para pessoas suspeitas de cometer crimes, outros recursos linguísticos destacam a postura editorial do programa. Como, por exemplo, o apresentador ressaltar que fica indignado com os “terroristas do 157”. No jargão policial, 157 se refere a uma pessoa que rouba mediante grave ameaça ou violência. Esses jargões e outros termos característicos, são ditos ao longo do Itatiaia Patrulha e sintetizam o tema das reportagens transmitidas. Pessoa (2005) resalta que a utilização de gírias e outros chavões são recursos que quebram a formalidade da situação.

Conforme será destacado no referencial teórico, a autora Amaral (2011) acredita que o jornalista popular se aprofunda e se envolve nas histórias do cotidiano dessas pessoas. Esta observação é evidenciada em transcrições dos episódios analisados para esta monografia. Renato Rios Neto utiliza algumas interjeições para mostrar descontentamento em relação a um ato de violência ou até mesmo externar a emoção diante da notícia, como “nossa senhora”, “meus amigos, não é fácil. Caso muito triste, né? Muito revoltante.”

Com o apoio do referencial bibliográfico sobre jornalismo popular e jornalismo policial, o presente trabalho busca responder “qual a relação do Itatiaia Patrulha com as matrizes do jornalismo popular e jornalismo policial?”. Para além da introdução, a pesquisa está disposta em outros três capítulos. No primeiro, compreende-se que o jornalismo popular buscou atender os anseios do público consumidor. Considerando que a maioria dos interessados era de menor poder aquisitivo, a imprensa detectou que, ao publicar fatos considerados chocantes, com apelação aos sentimentos e uso de gírias e ditados populares, conseguia despertar emoções nos leitores. O capítulo destaca ainda o discurso sensacionalista, a presença da linguagem coloquial, estética melodramática e outros temas. Contribuíram com a discussão proposta, autoras como Márcia Franz Amaral, Maria Immacolata Vassallo, Maísa Silveira Martins, entre outros, que esclareceram as características do jornalismo popular.

O próximo capítulo relembra as matrizes do jornalismo policial e como ele se dispõe diariamente em diversos materiais jornalísticos, *podcasts*, *sites* e também na televisão, com programas dedicados a noticiar fatos criminais e demais assuntos ligados à segurança pública. O texto se organiza mostrando que, independente da plataforma de veiculação, as entrevistas buscam extrair o máximo de descrições dos acontecimentos, envolvimento emocional e revolta do público.

Após conceituação do referencial teórico, o quarto capítulo descreve o objeto de estudo desta pesquisa, o programa radiofônico Itatiaia Patrulha, da Rádio Itatiaia FM 95,7. Contextualizamos o formato do programa, tendo em vista que está disposto em quatro ou cinco blocos, a depender do conteúdo proposto para o episódio em questão. Destacamos ainda que dificilmente a programação sofre alterações, exceto se existir algo excepcional que chame atenção dos editores para que modificações sejam feitas. Pessoa (2005) define o Itatiaia Patrulha como um programa popular que divulga as histórias da vida, seja dramas pessoais, casos de violência ou assassinatos. Visando esclarecer a pergunta norteadora, foram realizadas as análises dos episódios do dia 08/01/2024 até 12/01/2024, conforme explicaremos no capítulo 4, esse período foi selecionado aleatoriamente, sem que demarcasse uma ocasião específica. Após finalizadas as discussões dos capítulos teóricos, foram definidos um

conjunto de operadores analíticos para nortear a análise, sendo eles: entrevistas, estética do jornalismo policial e superexposição da violência.

Depois de fazer a análise ancorada nos operadores, estão disponíveis as considerações finais da pesquisa. No capítulo em questão, retomamos a pergunta norteadora e apontamos quais os levantamentos feitos após acompanhar uma semana do Itatiaia Patrulha. Assim, busca-se compreender se há elementos que sugerem a presença de um tom melodramático e se isso contribui para a fidelidade dos ouvintes, mantendo-os engajados na audiência diária e na acompanhamento contínuo dos casos. Inclusive, este estudo visa abordar questões relacionadas ao sensacionalismo, à utilização de jargões característicos do universo policial e outros temas correlatos. Ressaltamos também os principais pontos que mais chamaram atenção na composição popular e policial e como eles estão ou não dispostos no objeto de estudo.

2 JORNALISMO POPULAR

Pensar no jornalismo popular é imaginar conteúdos relacionados aos dramas cotidianos envoltos em uma estrutura narrativa que aciona o imaginário do telespectador, leitor e ouvinte. A discussão sobre esse conceito ficou amplamente conhecida na França do século XIX, conforme destaca Amaral (2011), “Os primeiros jornais franceses, surgidos entre 1560 e 1631, como *Gazette de France* e *Nouvelles Ordinaires*, eram semelhantes aos jornais sensacionalistas atuais e traziam informações fantásticas que agradavam a todos.” (Amaral, 2011, p.17) Para além desses jornais, a autora acrescenta outro modelo que circulou somente em 1836, quando a imprensa popular francesa foi reconhecida e desenvolveu-se na Europa, revisitando os *folhetins*. Responsáveis por inaugurar uma vertente sensacionalista em dois jornais: *La presse* e *Le Siècle*, ambos jornais parisienses, levavam o folhetim no rodapé da primeira página. Nele, os leitores tinham acesso a histórias sobre crimes, monstros e piadas de forma simplista, somado a elementos de superexposição e suspense. Esse formato de folhetins surgiu com os dramaturgos franceses Alexandre Dumas e Eugene Sue, possuindo estreita relação com o melodrama. “Uma das principais características do folhetim é o envolvimento entre o leitor e a obra. Ou seja, o folhetim dirige-se às mesmas pessoas sobre as quais discorre. Nele, os interesses comerciais provocam a incorporação do imaginário popular.” (Amaral, 2011, p.76).

A presença da superexposição nos folhetins visava atrair um novo público, uma vez que seu conteúdo baseava-se no cotidiano de segmentos populares, até então marginalizados. Para a autora do livro “Jornalismo Popular”, os jornais utilizaram uma estética melodramática, mesclando assuntos sérios com temas não característicos do jornalismo. O melodrama foi utilizado como recurso narrativo para seduzir e dar visibilidade, além de combater as injustiças, e firmou-se como principal característica de produtos midiáticos populares. Por exemplo, Amaral (2011) entende que o conceito por trás do melodrama está relacionado a alguns produtos para além dos folhetins, como telenovelas e radioteatro.

Apesar desse interesse por trás de uma inovação que atendesse novos leitores de forma que seriam mais pessoas a consumir jornais, Amaral (2011) acredita que essa busca não era somente pela ganância dos proprietários de jornais. Mas sim pelo fato de que as pessoas precisavam ler, por isso os formatos em linguagem acessível. Ademais, acontecia uma expansão da educação, e os jornais precisavam se reinventar em meio a tantas possibilidades. Foi quando os veículos compreenderam a necessidade de diferenciar a imprensa tradicional da

popular, ou seja, reestruturá-las e aperfeiçoá-las, visando entregar algo cada vez melhor para o consumidor, independente de suas plataformas (televisão, rádio ou impresso).

“O que é notícia no jornal popular?”

Na imprensa de referência, um acontecimento terá mais chance de ser notícia se:

- os indivíduos envolvidos forem importantes;
- tiver impacto sobre a nação;
- envolver muitas pessoas;
- gerar importantes desdobramentos;
- for relacionado com políticas públicas;
- ser divulgado com exclusividade.

Na imprensa popular, um fato terá mais probabilidade de ser noticiado se:

- possuir capacidade de entretenimento;
- for próximo geográfica ou culturalmente do leitor;
- puder ser simplificado;
- puder ser narrado dramaticamente;
- tiver identificação dos personagens com os leitores;
- for útil. (Amaral, 2011, p.63)

A partir dos tópicos supracitados, entende-se que são direcionamentos diferentes, dado as especificidades do público-alvo. Visto isso, podemos considerar que o leitor de jornais populares possui características socioeconômicas de menor poder aquisitivo. Amaral (2011) afirma que “é muito mais difícil vender jornal para quem tem baixo poder aquisitivo e pouco hábito de leitura”. (Amaral, 2011, p.62) Além disso, Lopes (1988) aponta que a classe popular, durante muito tempo, foi considerada como mercado marginal, mas, com o passar do tempo, os investidores compreenderam que esse mercado perfaz uma categoria consumidora em potencial, já que representava $\frac{2}{3}$ no consumo dos produtos anunciados. O que contribui à teoria de que o jornal popular possui uma audiência predominante nas classes B, C e D, o que favorece a aparição de publicidades segmentadas a esse ouvinte que já tem esse tipo de produto como parte do seu mundo. Corroborando com a percepção do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1997), quando aponta o campo jornalístico sujeito à prova dos veredictos do mercado, clientela e índices de audiência.

Imerso a essa mesma perspectiva, em 1833 nasce o *New York Sun*, com o slogan "*It Shines for All*" traduzido para o português como “Brilha para todos”. O Sun surgiu como primeiro jornal diário de baixo custo de sucesso nos Estados Unidos, fugindo do escopo de artigos de opiniões e política, ele foi pioneiro a divulgar notícias policiais em grandes

reportagens e também ilustradas, além de contratar um repórter policial. Amaral (2011) resgata que nessa época, o “tédio dos jornais tradicionais foi substituído por notícias sobre assassinatos, incêndios e distúrbios de rua.” (Amaral, 2011, p.17).

Angrimani (1995) considera que, no senso comum, o termo sensacionalismo está relacionado a um modelo de acusação em que acontece a distorção das informações, ou então quando prevalece o desejo de afastar esse veículo de outros considerados “analítico-informativo”. (Angrimani, 1995, p.40) Ademais, o autor destaca ainda que o sensacionalismo é superdimensionar o fato. Já para Amaral (2011), o sensacionalismo serve para definir os produtos jornalísticos populares, pois são correspondentes à superexposição da violência por intermédio da cobertura policial. Cabe acrescentar a publicação de fatos considerados chocantes, com apelação a gírias e ditados populares para provocar choque e despertar emoções nos leitores, além de ressaltar a violência como um problema social. Sobre a linguagem sensacionalista no jornalismo popular, Angrimani reforça o uso coloquial da língua, se possível exagerada, reforçando o uso de gírias e até mesmo palavrões.

Atualmente, existem programas da televisão aberta que se propõem a falar de violências urbanas, tragédias criminais e casos do cotidiano com abordagens que apelam às emoções. O público-alvo, devido ao aumento quantitativo da classe C como principal consumidora da mídia comercial aberta, chamou a atenção de Ribeiro (2017).

Toda a programação da TV aberta passou a ser direcionada aos supostos gostos desta classe econômica. É, portanto, no bojo do crescimento desse mercado consumidor que se pode explicar o interesse por essa programação ‘popular’ e a consequente manutenção do telejornalismo policial na grade, com elevados índices de audiência – o que, afinal de contas, leva as emissoras a continuarem produzindo os programas. (Ribeiro, 2017, p.169)

Alguns exemplos transmitidos na mídia tradicional brasileira podem agregar a discussão e ilustrar as percepções que Amaral (2011) direcionou a definição de jornalismo popular.

Imagem 1 – Capa do jornal Super Notícia (26/05/2018)



Fonte: O tempo (2018).

Num jornal popular impresso, por exemplo, temos o oposto da sobriedade dos “jornalões” tradicionais: manchetes em letras garrafais, muita cor, em especial o vermelho, textos curtos, muitas fotos, o tripé esporte-crime-erotismo (como as imagens de mulheres e às vezes homens seminus nas capas), e ainda, conforme a sua localização geográfica e social, humor e jogos de palavras. (Leal, 2022, p.91)

Imagem 2 – Primeiro Impacto (19/02/18)



Viúva dança forró no velório do marido e vídeo viraliza | Primeiro Impacto (19/02/18)

Fonte: Viúva [...] (2018).

Imagem 3 – Geral do povo (03/03/24)



“Sinto nada, tenho pena”, diz filho de Eliza Samudio sobre o ex-goleiro Bruno

Fonte: Sinto [...] (2024).

Imagem 4 - Alerta Nacional apresentado por Sikêra Jr.



Fonte: DOL - Diário Online (2023).

Os exemplos acima ilustram diferentes situações e veículos em que o jornalismo popular está presente. A primeira ilustração compreende o Super Notícia, um modelo tabloide em que a capa é estampada por manchetes da editoria cidades (ênfase em crimes e dramas cotidianos). No entanto, outras características também estão presentes nesse jornal, fugindo da impressão que muitas pessoas compreendem como “espreme que sai sangue”. Ou seja, se

anteriormente o jornalismo popular era conhecido por noticiar tragédias, atualmente, os jornais também buscam utilizar outros recursos para se aproximarem do público, como esportes, fofocas, caça palavras, previsões de signos e outros conteúdos. Amaral (2011) reforça que não se deve mais pensar que jornais destinados às classes populares exibem somente degradação. Deixando isso de lado, entende-se que existe um jornal com qualidade e destinado a esse público.

As imagens 2, 3 e 4 são de programas transmitidos em canais abertos da televisão brasileira, que noticiam histórias do cotidiano, dramas familiares, crimes e demais notícias que permeiam o ambiente urbano. Assim, os jornais populares vão narrando os acontecimentos por meio de artifícios sensacionais e melodramáticos de forma coloquial, mas ousando de expressões apelativas. Nota-se pelos exemplos acima que, no momento em que aparece uma reportagem de pessoas envolvidas vivendo situações dramáticas, o repórter direciona alguns comentários e alerta para terceiros. Sejam eles autoridades policiais ou pessoas da sociedade civil, mostrando indignação com as situações exibidas. Esse modelo estabelece uma proximidade com o público por meio da utilização de elementos estéticos e jargões, por parte do apresentador.

A aposta em figuras emblemáticas e com personalidade mais caricata tem sido uma alternativa para destacar-se diante a tantas formas de consumir informação. Um exemplo disso é Sikêra Jr, que ficou conhecido pelos discursos homofóbicos e extremistas, mas também lembrado por popularizar o jargão “CPF cancelado” ao comentar a morte de um criminoso. Mas essa discussão será melhor aprofundada nos próximos capítulos deste trabalho. Sobre o perfil do jornalista, Amaral (2011) destaca que para atuar no segmento popular, a competência deve ser a mesma, ressaltando a importância de se atentar aos princípios éticos, mas é “preciso desenvolver empatia com o público-alvo para adequar as pautas e a linguagem ao mundo do leitor [...] ser sobretudo sensível, construtivo e didático.” (Amaral, 2011, p.129) Nesse sentido, podemos citar exemplos claros que podem ser lembrados na história mais recente da televisão brasileira e ainda aparecem nos registros de tela acima, na respectiva ordem: Luiz Bacci, Geraldo Luís e Sikêra Júnior.

O uso de uma narrativa simples e humanizada nas declarações que existem por trás das notícias, faz com que essa simplificação torne-as compreensíveis e muitas vezes palpáveis à classe popular. Desde que o profissional de comunicação esteja atento ao limite, pois “O jornalismo tem a missão de mostrar o sofrimento gerado por uma catástrofe, um fato violento ou uma injustiça, mas o drama é decorrente do fato em si, não precisa ser forjado pelo jornal.” (Amaral, 2011, p.120) A exibição do drama na imprensa popular é parte da estratégia de

“fazer sentir” (Amaral, 2011, p.59), tendo em vista a necessidade de seduzir o leitor ou ouvinte por meio do sentimento de pertencimento social.

Visando despertar o pertencimento do público-alvo, a atividade jornalística do segmento popular utiliza de fontes que buscam defender os seus interesses. Amaral (2011) destaca que durante as reportagens, fontes populares concedem entrevistas quando presenciam algum acontecimento trágico. As demais fontes da imprensa abrigam diferentes posições, como, por exemplo, as oficiais, porque “[...] têm o compromisso de informar de forma correta, guardam informações interessantes e têm legitimidade para falar à sociedade.” (Amaral, 2011, p.56) Mas, considerando que o jornalismo popular busca dar ênfase no cotidiano e no consumidor, é perceptível que entrevistas com pessoas comuns da sociedade assumem a posição de seduzir o público. “As pessoas querem, cada vez mais, resolver pragmaticamente seus problemas, o que corrói de maneira lenta a cidadania, as causas coletivas e o bem comum” (Amaral, 2011, p.59) Dessa forma, entende-se que o discurso de pessoas revoltadas, tristes e que reivindicam justiça, desperta nas pessoas o sentimento de partícipes.

Leal (2022) aponta que, os telejornais populares se apoiam “numa dicção explicitamente moral e que tem na figura de um apresentador maneirista, quase sempre explosivo e sem pudor de classificações e avaliações valorativas, um elemento central.” (Leal, 2022, p.91) Cabe acrescentar que Amaral (2011) entende essas estratégias como formas de popularização, mas alerta para o não cometimento de distorções éticas. Além dessa visão “maneirista” do apresentador do gênero popular, Leal (2022) indaga o seu leitor a pensar sobre a expressividade cada vez mais presente nos discursos de repórteres, âncoras e locutores, a fim de modificar os entendimentos entre as articulações narrativas do jornalismo para com as sensações. Esse conjunto de elementos que nos remete a figura do apresentador é característica de alguns radialistas e programas populares que se popularizaram no rádio. Considerando o objeto de estudo dessa pesquisa, passaremos a compreender como o jornalismo popular se consolidou no rádio, tendo em vista, o uso das sensações como estratégia de comunicação ao estabelecer uma relação de proximidade com o ouvinte.

2.1 Jornalismo popular no rádio: breve histórico

Considerado como o primeiro meio de comunicação em massa, o rádio surgiu na década de 20 com potencial para ser o instrumento de integração do país, é o que aponta uma reportagem publicada no site do Ministério das Comunicações em alusão ao centenário do rádio em 2022. Além de integrar o país, o rádio surgia com a responsabilidade de

democratizar a informação no Brasil. Isso aconteceria por meio das ondas sonoras, visto que se tratava de um meio de comunicação capaz de chegar a todos os brasileiros, desde os que vivem nas capitais até os que estão no interior do país, em localidades de difícil acesso. Neuberger (2012) acrescenta que para o rádio, todos têm vez, “seja pelas redes de emissoras que cobrem o território nacional, seja pelas ondas das rádios comunitárias de bairros, ou pelas frequências limitadas, popularmente conhecidas como rádios-poste.” (Neuberger, 2012, p.56) Para a autora, é evidente que, desde situações de comemorações ou mesmo nas grandes tragédias, o rádio acompanha a vida dos brasileiros.

Mas esse papel de integrar o país não foi de uma vez. Por mais que tivesse potencial, o aparelho tocava em caráter experimental e eram caros porque vinham de importação, e os receptores que tinham no Brasil eram distribuídos a autoridades civis e militares do Brasil, aponta Neuberger (2012). Quase 10 anos depois, por volta de 1930, a democratização não tinha alcançado todos os públicos. Siqueira (s.d) aponta que o rádio começou a se popularizar quando o então presidente do Brasil, Getúlio Vargas, sancionou uma lei que autorizava a transmissão de propaganda pelas emissoras. Esse incentivo financeiro da década de 1930 torna o rádio mais popular, voltado ao lazer e à diversão, ao invés de ter somente cunho educativo.

O comércio e a indústria forçam os programadores a mudar de linha: para atingir o público, os ‘reclames’ não podiam interromper concertos, mas passaram a pontilhar entre execuções de música popular, horários humorísticos e outras atrações que foram surgindo e passaram a dominar a programação. (Ortriwano, 1985, p.15)

A partir desse momento, empresas começaram a investir no rádio, favorecendo que os aparelhos fossem mais acessíveis. Já na década de 40, quando programas humorísticos, radionovelas e reprodução de músicas populares começaram a se popularizar, facilitando o acesso para o restante da população. Para Neuberger (2012), a experiência de Adhemar Casé que, antenado com as tendências do exterior, propõe um programa de música popular na Rádio Philips do Brasil. Considerado uma das grandes atrações do rádio até a década de 1950, o Programa Casé foi pioneiro em popularizar suas programações, pensando em uma linguagem mais convidativa para tornar-se também em lazer e diversão. As emissoras corriam entre si para garantir o faturamento, para Ortriwano (1985) era o momento oportuno delas se mostrarem com maior popularidade. Essa virada de chave das emissoras, somada à cota de anúncios, porque os empresários perceberam a eficiência do rádio como anunciante do público analfabeto, foi importante para a popularização do aparelho e consequentemente no modelo de radiojornalismo que seria produzido. “Essa preferência resulta no fato de que, para

receber as informações, o ouvinte não precisa ser alfabetizado, evidenciando o motivo pelo qual o rádio tem sua posição de forma popular. Para tanto, o ouvinte não precisa ser escolarizado para receber a informação, somente basta ouvir.” (Martins, 2009, p.13)

Em termos de jornalismo, a Rádio Nacional do Rio de Janeiro inovou, quando surgiu com o Repórter Esso, em 1941, com o slogan “Testemunha Ocular da História”. No ar por 27 anos, foi conhecido por ser programa radiofônico que transmitia em primeira mão as principais notícias do Brasil e do mundo, com o texto linear, direto, corrido e sem adjetivação, afirma Neuberger (2012). Mesmo após enfrentar altos e baixos advindos de questões financeiras, técnicas, pessoais e artísticas, o rádio completou recentemente pouco mais de 100 anos no Brasil. Dia após dia as pessoas têm tido cada vez mais possibilidades de consumir informações em diferentes portais de notícias, potencializado pelo acesso à internet na “palma da mão”. Com o uso de smartphones tecnológicos que permitem aos usuários navegar em diferentes mídias digitais, os portais de notícias têm se reinventado para chamar a atenção dessas pessoas por meio de manchetes virais que possam gerar compartilhamentos instantâneos.

Uma pesquisa nacional do Datafolha¹ divulgada no início do segundo semestre de 2023, entrevistou 2.010 pessoas de 16 anos ou mais, em todo o país, entre os dias 8 e 13 de maio do ano passado, apontou que 80% dos usuários da internet no Brasil consomem notícias online e se interessam cada vez mais por informações locais. Mas e no rádio, as pessoas ainda consomem radiojornalismo? O estudo anual da Kantar IBOPE Media² sobre o consumo de rádio no país apontou que, em setembro de 2023, ele ainda é ouvido por 83% da população brasileira. A pesquisa considerou as 13 regiões metropolitanas regularmente pesquisadas pela empresa e os resultados supracitados mostram ainda que seis a cada dez pessoas escutam rádio com a mesma frequência em comparação aos últimos seis meses. Uma média de 94% das pessoas preferem música; 32%, noticiários locais; 26%, noticiários nacionais; 25%, notícias de trânsito; e 24% gostam mais de futebol, tanto no formato de notícias quanto de comentários, além disso, foi apontado ainda que em algumas regiões, como em Belo Horizonte – MG e Porto Alegre – RS, o consumo chega a 84%, e tempo médio de audiência gira em torno de 3h50 por dia. Considerando que o rádio é um veículo de fácil acesso, econômico e que pode ser ouvido de diversas maneiras, entende-se que ele precisou se reinventar nesses 100 anos para atender mais de 80% da população, conforme o estudo acima.

¹<https://www1.folha.uol.com.br/tec/2023/06/ler-noticias-e-habito-mais-comum-entre-internautas-brasileiros-diz-datafolha.shtml>

² <https://kantariibopemedia.com/conteudo/dados-rankings/audiencia-geral-de-radio-janeiro-2023-a-marco-2023/>

O rádio aprendeu a trocar os astros e estrelas por discos e fitas gravadas, as novelas pelas notícias e as brincadeiras de auditório pelos serviços de utilidade pública. Foi se encaminhando no sentido de atender às necessidades regionais, principalmente ao nível de informação. Começa a acentuar-se a especialização das emissoras, procurando cada uma delas um público específico. (Ortriwano, 1985, p.21)

O trecho supracitado retrata como as emissoras de rádio se portaram diante das crises. Neuberger (2012) traz em seu livro informações que datam a época de 1954, onde a Rádio Bandeirantes, de São Paulo, cria um novo tipo de programação noticiosa, a Rádio Continental, do Rio de Janeiro, por sua vez, lança um novo formato radiofônico: música-esporte-notícia e muitas outras buscaram se reinventar. Para isso, a estratégia era ampliar a quantidade de ouvintes, como exemplo a Rádio Nacional, que optou em popularizar cada vez mais sua programação, dessa forma atingiria uma parcela analfabeta da população. Ortriwano (1985 *apud* Costella, 1978, p. 19) diz que “boa parte dessas programações, então, mais do que ao popular, descem ao popular e ao baixo nível.”

Este momento foi oportuno para o jornalismo destacar-se, onde a agilidade na cobertura de notícias, a capacidade de deslocamento para o local do evento, a realização de transmissões ao vivo e a condução de entrevistas fora do estúdio tornam-se cruciais. Por meio dessas possibilidades que o rádio ofertava às emissoras, por um acaso, surgiu um dos jornalistas mais lembrados da história do rádio no Brasil, Gil Gomes. O radialista estava fazendo uma entrevista política, mas encerrou-a rapidamente e foi ao local de um incidente que ocorria naquele mesmo instante. Segundo o acervo de repórteres policiais disponível no site Memória da Polícia Civil de São Paulo³:

Ele tomou conhecimento de que um caso de agressão sexual estava ocorrendo no edifício onde a rádio estava instalada. Num impulso, resolveu fazer a cobertura do caso ao vivo. Desceu as escadas do prédio com o microfone na mão, fazendo locução e entrevistando os envolvidos e as testemunhas. (Gomes, 1968)

Considerando que para atingir terceiros, “um fato tem muito mais probabilidade de ser notícia se tiver impacto na vida de uma pessoa comum ou puder ser comentado por alguém do povo.” (Amaral, 2011, p.65) Ou seja, para fazer com que as reportagens tornem-se mais interessantes ao público, é comum na prática do jornalismo popular matérias sendo introduzidas com sonora de fontes. Amaral(2011) entende esse formato como personalização, pois caracteriza e define estratégias para atender o discurso.

³ <https://www.memoriapoliciacivildesp.com/grandes-reporteres-policiais>

Ao relatar os fatos, Gil Gomes contou estar acontecendo “um escarcéu” no local, fazendo com que o radialista fosse considerado o “repórter de escândalos”. Em seguida, ainda na década de 90, o novo repórter policial dirigiu um programa policial radiofônico e desde então segue sendo lembrado pelo estilo próprio de voz, gestos, forma de conduzir e narrar os acontecimentos. Durante suas apresentações, Gomes proferia alguns bordões próprios, como “Aqui, Agora!”, visando garantir a interatividade e instantaneidade. Martins (2009) acredita que o locutor optava pela repetição, não só para conduzir o ouvinte à memorização das particularidades do que tinha acontecido, mas também como um alerta para prevenir outros acontecimentos parecidos. Essas repetições e ênfases de bordões são algo característico no jornalismo popular e também é marca registrada no jornalismo policial, tópico esse que será discutido no próximo capítulo, mas que eventualmente se conectam.

A partir de outras questões levantadas por Martins (2009), a autora constata que o radialista usava da repetição como elemento argumentativo de fixação e de alerta. Para ela, esse fato está atrelado a “Mais do que um simples processo formulativo da oralidade”, a autora fundamentando-se em Koch (2003) e acrescenta “repete-se como meio de ‘martelar’ na mente do interlocutor até que este se deixe persuadir”. Para atingir a audiência do outro lado, nota-se conforme disposto por Amaral (2011) que, no jornalismo popular, o testemunho pessoal tem mais relevância. Considerando que os repórteres têm como foco ser reconhecidos por sua apuração insistente em busca da informação, uma das principais características do popular é trazer o relato de pessoas que vivenciam o que está sendo noticiado.

Normalmente, a fala popular não explica o fato de forma contextualizada, mas sim de forma individualizada. Dessa maneira, devem ser procuradas também outras fontes que contribuam para a compreensão do fato em sua complexidade. A prática de pedir a opinião para o povo e não para fontes consagradas pode ser sedutora, mas muitas vezes a informação fica no âmbito [...] da dramaticidade [...]. (Amaral, 2011, p. 125)

Ortriwano (1985) entende que, entre os meios de comunicação de massa, o rádio é o mais popular e o de maior alcance público. A partir dessa afirmação, a autora destaca algumas características que corroboram com esse reconhecimento, são elas:

- A. *linguagem oral* - O rádio fala e, para receber a mensagem, é apenas necessário ouvir.
- B. *penetração* - Em termos geográficos, o rádio é o mais abrangente dos meios, podendo chegar a pontos mais remotos e ser considerado de alcance nacional.
- C. *mobilidade*

1. *emissor* - O rádio pode estar presente com mais facilidade no local dos acontecimentos e transmitir informações mais rapidamente que a televisão.
2. *receptor* - O ouvinte de rádio está livre de fios e tomadas e não precisa ficar ao lado do aparelho.
- D. *baixo custo* - [...] Sua aquisição [em relação a televisão e impresso] está ao alcance de uma parcela muito maior da população.
- E. *imediatismo* - Os fatos podem ser transmitidos no instante em que ocorrem.
- F. *instantaneidade* - A mensagem precisa ser recebida no momento em que é emitida.
- G. *sensorialidade* - O rádio envolve o ouvinte, fazendo-o participar por meio da criação de um “diálogo mental” com o emissor.
- H. *autonomia* - As pessoas podem receber a mensagem sozinhas, em qualquer lugar que estejam. [...] É como se o rádio estivesse “contando” para cada um em particular. [...] A atividade de “ouvir” não exclui a possibilidade de desenvolver outras tarefas, como ler, dirigir, trabalhar etc. (Ortriwano, 1985, p.19)

Com base na junção de todas essas características propostas por Ortriwano (1985), entende-se que a todo instante o rádio busca reforçar sua identificação com quem está sintonizado. Estabelecendo relações de proximidade que “humanizam” a relação e aumenta a comunicação que os locutores precisam estabelecer com o ouvinte. Uma técnica que fica clara ao escutar qualquer programa popular no rádio, são os efeitos da sensorialidade, visto que muitos narradores/ repórteres adoram a descrição de cenas, vítimas e suspeitos, enfatizando as aparências, climas e sentimentos corroborando com o propósito de aguçar o imaginário do ouvinte do programa.

Nessa perspectiva, outros meios são utilizados para atrair o imaginário de quem ouve. O uso das gírias e bordões são características desses programas populares, como também a ênfase na dor do outro para trazer audiência, dando visibilidade às “[...] histórias que vêm das ruas. A meta [da imprensa popular] é trazer os temas sociais e conceder a eles uma abordagem humana, interessante e consistente.” (Amaral, 2011, p.126) Além disso, Martins (2009) observa que a repetição de palavras de forma exaustiva serve para ativar o imaginário do ouvinte, e conseqüentemente, persuadi-lo a compartilhar daquelas mesmas emoções que seguem a narrativa.

Os pontos supracitados somam-se a outros que norteiam outro gênero do jornalismo, o jornalismo policial. Após compreender algumas características do jornalismo popular, percebemos a proximidade entre os dois, e para expandir a compreensão do objeto central deste trabalho, o Itatiaia Patrulha, iremos elucidar algumas questões em torno do policial no próximo capítulo.

3 JORNALISMO POLICIAL

A discussão presente no capítulo anterior revisitou algumas características que, além de se fazerem presentes no jornalismo popular, também fazem parte do gênero jornalístico policial. Castro (2022) define o jornalismo policial como “[...] a especialização dentro do contexto jornalístico que busca apurar, cobrir fatos criminais, assuntos ligados à segurança pública e ao sistema penitenciário, além de acompanhar investigações policiais [...]”. (Castro, 2022, p13)

Apesar de incertezas sobre quando e onde surgiu o jornalismo policial, Amaral (2011) contextualiza que foi a partir dos jornais sensacionalistas, pois entenderam que as classes populares desejavam se inteirar sobre o cotidiano. Citamos no capítulo anterior o jornal *New York Sun* (1833), além de pioneiro no segmento popular, ele explorou a oferta de informações ligadas ao dia a dia, dramas familiares, roubos, furtos e assassinatos, descobrindo então que o público leitor se interessava por esses temas.

A imprensa passou por muitas transformações, essas que tornaram-se decisivas para impulsionar o mercado jornalístico policial. Por mais que existam outras razões para o crescimento dessa visibilidade em torno do policial, Fuccia (2008) acredita que o interesse no assunto pela maioria dos leitores, telespectadores, ouvintes e internautas corrobora para os meios de comunicação dedicarem cada vez mais espaço a essa editoria. Para ele, alguns fatores implicaram o aparecimento do jornalismo policial na programação das emissoras, como o crescimento de roubos, sequestros e homicídios, somado ainda à “sofisticação do modo de atuação dos marginais” (Fuccia, 2008, p.15). O jornalismo policial voltado para cobertura criminal tem espaço e consolidação na mídia, redações e telejornais da televisão brasileira, ofertando narrativas diferenciadas mas com poucas variações entre si.

Nos trabalhos listados na bibliografia desta pesquisa, os autores que utilizamos apresentaram alguns jornais policiais como objeto de estudo, podemos destacar o programa Chumbo Grosso, transmitido pela TV Goiânia de segunda a sexta-feira no horário do almoço, Linha Direta presente na programação noturna da TV Globo, em que trazia uma vez por semana duas situações reais de crime, investigação e atualizações sobre foragidos da justiça. Inclusive, o Linha Direta estava desde 2007 fora do ar, o programa retornou à televisão em maio de 2023 para ser exibido em temporadas e explorando o formato documental tanto em vídeos como *podcast*. Em outros trabalhos também encontramos de forma recorrente o aparecimento do Brasil Urgente da Bandeirantes e Cidade Alerta da Record, ambos concorrentes e transmitidos no fim da tarde, entre 17h e 19h. Alguns mencionam programas

de rádio, como BandNews FM, Na Polícia e Nas Ruas da Rádio Atividade FM 107,1 e também o Mundo Cão, que era transmitido pela Rádio Difusora Acreana na década de 90. Todos os programas citados foram analisados nos trabalhos que estão listados nas referências desta monografia, nota-se que, em sua maioria, esses produtos buscam abordar a audiência espontaneamente e informalmente, como se buscassem à popularidade.

Os exemplos acima ilustram uma percepção que Fuccia já tinha analisado no ano de 2008. Ele comenta que até aqueles veículos de comunicação que resistiam em não divulgar acontecimentos dessa natureza optaram por ceder um espaço, elaborando a editoria de polícia. Ao fazer um resgate histórico, nota-se que este gênero ganhou notoriedade desde o começo do século XX. Manso (2023), pesquisador do Núcleo de Estudos da Violência da USP, aponta que, quando os jornais começaram a se popularizar e disseminar informações sobre os acontecimentos das cidades, as reportagens policiais foram uma fonte inesgotável de histórias. “O consumo das notícias de crime, ao mesmo tempo que mexia com as emoções dos leitores, parecia servir como uma vacina para que eles se sentissem mais protegidos diante da imprevisibilidade do mundo moderno.” (Manso, 2023, 1º parágrafo)

O autor analisa que, na velocidade do Brasil que se urbanizou, foi preciso alterar a dinâmica da imprensa, transformando-se com o passar das décadas. Para ele, conforme as metrópoles cresceram de forma improvisada, o medo da desordem crescia com os homicídios e os crimes patrimoniais. Já Amaral (2011) defende o ponto de vista que, para sobreviverem, os jornais tornaram-se mercadorias. Ou seja, os interesses econômicos falam mais alto e foram primordiais para um novo modo de ser dessa imprensa. “Além de serem mercadorias, os jornais também produzem sentidos, significações.” (Amaral, 2011, p. 23) De toda forma, as mudanças que foram surgindo atuam para transmitir cada vez mais a sensação de que o público é participante da ação, e isso é percebido quando o repórter traz uma perspectiva para além da notícia.

Em geral, o avanço da modernização tem contribuído em diversas áreas, mas falando especialmente de jornalismo policial, é perceptível a disposição desses conteúdos em diferentes mídias que convidam o ouvinte (telespectador, leitor) a se tornar consumidor. Isso é possível por meio de produções disponíveis em plataformas de streaming, jornais por assinaturas que o usuário pode reprisar e ler atentamente as notícias, além de ter acesso a séries especiais que possibilitam acompanhar as atualizações desses conteúdos.

3.1 Mercado do jornalismo policial

O mercado de produtos sobre crimes oferece um vasto portfólio, considerando a questão da mídia descobrir que narrativas de crime podem resultar em novos produtos jornalísticos que despertem uma nova audiência. Souza (2022) aponta que existem séries, filmes, documentários e em ascensão, os *podcasts* sobre esse tema. Em sua análise, a autora entende que a violência é um assunto que gera grande interesse social, e como consequência, conteúdos sobre eles são altamente produzidos e geram engajamento por parte do público. Considera ainda que, para além do exercício do jornalismo policial, “os crimes estão presentes em forma de entretenimento em diversas produções.” (Souza, 2022, p.1)

Alguns autores como Souza (2022), Rodrigues (2018), Ribeiro (2019) notaram o crescimento dos *podcasts*, tendo em vista que trata-se de um produto que pode ser veiculado *online* e *offline* por *sites* e plataformas de áudio. Em síntese, podemos defini-lo como produtos em áudio que contém entrevistas, reportagens e análises de crimes. Esse conteúdo é divulgado no formato de episódios que ficam disponíveis para ser acessado com flexibilidade, com isso, o ouvinte acessa na hora que quiser e onde quiser. Esses *podcasts* buscam apurar crimes que ganharam notoriedade e de certa forma se propõe a analisar histórias reais e eventuais problemas que envolvem a segurança pública e a ação da polícia. Cito alguns para conhecimento: “Café com crime”, “Projeto Humanos”, “Sob investigação” e muitos outros, e essas produções são responsáveis por aguçar cada vez mais o imaginário de quem consome.

Com a notícia sobre crimes, o jornalismo encontrou um tema capaz de alavancá-lo como negócio comercial. E o fez muitas vezes usando recursos típicos da literatura, para prender a atenção de suas audiências. (Souza, 2022, p.6)

A multimidialidade que atende o jornalismo, seja por meio de vídeos, grandes reportagens e produtos em áudio, tem possibilitado que se alcance outro público para além da audiência fiel, conforme também apontamos no capítulo jornalismo popular. Portanto, questões relacionadas às tragédias do cotidiano e crimes violentos ganham mais visibilidade e alcançam novos consumidores que utilizam outras formas de leitura.

3.2 Jornalismo policial de sensações

Na televisão, o gênero policial está presente diariamente nas telas e tornou-se um amplamente conhecido, cabe relembrar, o Cidade Alerta, da rede Record, Brasil Urgente, da

Rede Bandeirantes, e o “Aqui, agora” do SBT. Esses programas utilizam de ampla exibição de imagens relacionadas aos acontecidos, manchetes chamativas, discurso coloquial, jargões policiais e chavões conhecidos pelo público. Essa combinação de elementos produz uma cobertura sensacionalista dos crimes, tendo em vista a possibilidade de repercussão em diferentes modos de endereçamento, ou seja, definindo de maneira intencional a forma que a audiência irá receber. Angrimani (1995) aponta que situações de conflito “ganham destaque e merecem ser notícias no jornal a sensação.” (Angrimani, 1995, p.57)

A perspectiva dos pontos supracitados indicam que o jornalismo policial está ancorado no sensacionalismo, Angrimani (1995) define como “uma forma diferente de passar uma informação; uma opção; uma estratégia dos meios de comunicação.” (Angrimani, 1995, p.41) Tendo em vista ainda que “O sensacionalismo está intimamente ligado ao homicídio, à morte e ao sangue derramado.” (Angrimani, 1995, p.64) A mobilização para atingir a audiência reforça que o repórter deve buscar meios de retirar emoções das entrevistas com os envolvidos, para que eles descrevam o acontecido, se houve motivação, se está arrependido e outras informações que estão envoltas no caso.

A apresentação deve ser chocante, exigindo envolvimento emocional do público. Haveria mais imagens de gente chorando (às vezes o repórter se “emociona” e chora com os personagens principais da notícia). [...] O tom da narração seria carregado de dramaticidade e a edição poderia ser apresentada como se fosse “capítulos” de novela, percorrendo todo o jornal, que se encerraria [...] se possível, com a punição dos criminosos. (Angrimani, 1995, p.41)

Fazer entrevistas procurando extrair o máximo das descrições dos acontecimentos se popularizou com Gil Gomes, Angrimani (1995) destaca que o radialista tinha suas perguntas como um “chicote punitivo”. Ademais, esse formato de descrever as notícias é observado pelo autor como tendência no rádio, pois intercala a opinião do comentarista com o depoimento do criminoso.

Como se fosse em capítulos, o assassino conta como agiu e, em cada interrupção da edição, entra o comentarista xingando, vociferando, exteriorizando e socializando a revolta do público. O comentarista diz aquilo que o ouvinte gostaria de estar dizendo ao criminoso. (Angrimani, 1995, p. 40)

Schargel (2023) entrevistou Marialva Barbosa, pesquisadora da área de Comunicação Social e ambos discutiram sobre uma série de emoções que faz o jornalismo de sensações ser

conhecido como produtor de sensações efetivas. Marialva observa ainda que existe uma estética narrativa desses jornais que o aproxima dos modos de leitura dos grupos populares.

Se você vir as matérias da Crítica, ou do jornal O Dia da década de 1980, depois do título sempre vem um subtítulo que é algo como “disparou dois tiros: o revólver era enorme — saiu correndo em sequência”. Por que era assim? Porque mostra uma maneira de ler daqueles que não são plenamente alfabetizados, daqueles que têm dificuldade de leitura. Esse estilo entrecortado do jornalismo de sensações revela as formas possíveis de leitura de seu próprio público. (Barbosa, 2023, p.384)

O discurso que desperta sensações tem como apoio imagens de coberturas em tempo real ou imagens encaminhadas pelo telespectador, pois o que interessa para a audiência é a realidade exibida na tela, de preferência no instante em que os fatos acontecem. Para que fique subentendido que a cobertura jornalística está aqui e agora, assim como no programa do SBT e propagado por Gil Gomes⁴. Abaixo seguem alguns registros de tela dos programas exemplificados, para esclarecer os elementos que rodeiam o jornalismo policial.

Muitos estudos apontam o programa Aqui Agora, que consagrou o estilo do repórter Gil Gomes, como um dos principais precursores do gênero. [...] O programa, que estreou no SBT em 1991, era transmitido nos fins de tarde e tinha como slogan frases como: “um jornal vibrante que mostra na TV a vida como ela é!” ou “um jornal independente que mostra na TV a vida como ela é!”. Alguns de seus elementos mais marcantes eram as reportagens em que o cinegrafista, com a câmera na mão, acompanhava Gil Gomes, enquanto este apresentava as cenas de forma dramática, com entonações de voz marcantes e gestos bruscos. (Periago *apud* Romão, 2021, p.4)

Imagem 5 - Aqui Agora (18/01/1997)



Aqui Agora 18 01 1997 YouTube

Fonte: Lucas Fonte - YouTube (2024).

⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=NjiSreYOyjQ&t=1273s>

Imagem 6 - Cidade Alerta Record (29/02/2024)



Fonte: Mix de Cidade Alerta Record (2024).

Imagem 7 - Capas de reportagens exibidas no Brasil Urgente (28/02/2024)



Fonte: Canal oficial do Brasil Urgente (2024).

As capturas de tela acima evidenciam um objetivo comum: gerar envolvimento emocional e expressar a indignação do público, no entanto, cada uma aborda essa perspectiva de maneira distinta. Para Angrimani (1995) essa valorização da violência é o que diferencia o jornal sensacionalista de outros veículos. Essas questões se diferem na disposição das matérias, nas narrativas utilizadas por cada apresentador, edição, estética de cada um deles e consequentemente na forma de conduzir as entrevistas. Cabe acrescentar que nem todo veículo jornalístico que traz um envolvimento emocional é sensacionalista, conforme discutimos no capítulo anterior, destacamos com base em Amaral (2011) o que é notícia na imprensa de referência e na imprensa popular. Por outro lado, observa-se que o jornalismo policial é ancorado nos chamados *fait divers*, termo francês que remete aos principais acontecimentos do dia a dia de uma cidade. Para Souza (2022) “o sensacionalismo nada mais é que uma forma de contar as histórias que se apoiam nos *fait divers*.” (Souza, 2022, p.8)

Dessa forma, o receptor da mensagem consegue ser transportado a posição dos acontecimentos narrados, e nessa exploração, o sensacionalismo se apodera do imaginário dessas pessoas ao superdimensionar o fato.

No *fait divers*, as proteções da vida normal são rompidas pelo acidente, catástrofe, crime, paixão, ciúmes, sadismo. O universo dos *fait divers* tem em comum o imaginário (o sonho, o romance, o filme) o desejo de enfrentar a ordem das coisas, violar os tabus, levar ao limite a lógica das paixões. (Angrimani, 1995, p. 26)

Observa-se ainda que para atingir o imaginário, o narrador deve se atentar ao seu discurso, buscando dar ênfase na dor das vítimas. Para isso, “a linguagem sensacionalista [...] utilizada é a coloquial, não aquela que os jornais informativos comuns empregam, mas a coloquial exagerada, com emprego excessivo de gírias e palavrões.” (Angrimani, 1995, p.16) Como nos produtos radiofônicos a ideia é estabelecer uma proximidade com o ouvinte, e isso é reforçado pela constatação de que “o rádio é possivelmente o veículo de comunicação que retrata mais proximidade com a linguagem popular.” (Caldas, 2004, p.15). Para a autora, os locutores e repórteres radiofônicos costumam se dirigir ao ouvinte e aos entrevistados informalmente, como se estivessem conversando com uma pessoa conhecida. O uso de palavras coloquiais facilita a assimilação e garante aos profissionais que o ouvinte terá compreendido a mensagem. Além de buscar convencê-los e emocioná-los, o uso da linguagem clara viabiliza uma comunicação imediata com o interlocutor, além de trazer espontaneidade, por isso programas policiais e populares utilizam do coloquialismo presente nas interações cotidianas. Ademais, Ortriwano (1985) foca que o imediatismo, a sensorialidade e instantaneidade do rádio, contribuem para a presença do melodrama, utilizando-o como recurso de sedução e emoção. Consequentemente atrai mais visibilidade no discurso que prega a justiça dos casos noticiados.

3.3 Estilo policialesco

“A casa caiu”, “coloca na tela” e “o sistema é bruto”. Essas expressões são alguns exemplos tidos como artifícios para chamar atenção e reforçar o tratamento sensacionalista, de jornais conhecidos como policiais que afirmam sua popularidade na televisão brasileira. As frases são de programas que citamos ao longo desta monografia, sendo eles: Brasil Urgente, Balanço Geral e Cidade Alerta, que ficaram conhecidos não só pelos chavões característicos de cada apresentador, mas também por possuírem elementos que compõem a estética do

jornalismo policial, como, por exemplo, o uso do giroflex embutido na vinheta, barulhos de tiros, correria, alerta e cores vibrantes.

Para atingir o convencimento supracitado, os profissionais de rádio buscam desenvolver técnicas que possibilitem conquistar os ouvintes, afirma Pacheco (2005). Como, por exemplo, Gil Gomes introduzindo a contação de histórias⁵, somado ao fascínio que o aparelho de rádio exercia naquela época. Conforme destaca Moraes (2017), noticiar fatos violentos, criar sensação de insegurança, cultivar o medo, tudo isso faz com que as pessoas sintam a necessidade de ter alguém ou algo para protegê-las. Desse modo, é legitimado o monopólio do uso da violência pelo estado, por meio das forças policiais (militar e civil). Ou seja, divulgar crimes e realçar o poder das forças como solução, despertam no imaginário do ouvinte a compreensão da importância das forças de segurança e do jornalismo policial como defensor de soluções para os problemas enfrentados por essas pessoas.

Após analisar trabalhos de Oliveira (2008), Araújo (2019) e Moraes (2017) que se baseiam em programas jornalísticos com temática policial, observamos a presença de discussão sobre os elementos referentes à estrutura, estética e edição. Esses artifícios se entrelaçam aos modos de endereçamento, tendo em vista que, esses programas policiais atuam como se estivesse fazendo “uma prestação de serviço à sociedade, delatando os abusos e transgressões sociais.” (Oliveira, 2008, p.5) A estética pode ser relacionada com o uso de efeitos sonoros que remetem a barulhos de sirenes/ giroflex e tiros, que lembram de imediato à violência pois ainda contém cortinas e slogans atraentes.

A performance [...] discursiva do mediador principal adquire um caráter cênico, que é complementada pelo uso recorrente de efeitos sonoros. Seja através de sons (de bombas, aplausos, assobios, etc) ou frases com expressões populares e/ou gírias, as interferências sonoras funcionam como uma reiteração aos efeitos de susto, espanto, aborrecimento ou comemoração pretendidos pela fala do apresentador [...]. (Araújo, 2019, p. 153)

De modo geral, esse conjunto permite ao ouvinte se ambientar desde a vinheta de abertura do programa, porque instiga a perseguição, vigilância, correria, imediatismo que se entrelaça aos discursos do corpo jornalístico/apresentador que remetem aos acontecimentos diários. Entende-se que, além de pregar instantaneidade e apuração incisiva em cima do fato, o jornalista do gênero policial busca elucidar a identificação dos personagens envolvidos, o local e demais informações relacionadas às investigações em andamento.

⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=WPge21GmZ60&t=517s>

Por outro lado, deve-se entender que essas questões permeiam a prestação de serviço que o jornalismo policial busca ofertar ao repassar para a população que o “suspeito foi preso”, “um tapa em nossas caras”, “X teve a justiça que merecia”, “tem que ser encontrado” e muitas outras afirmações que compõem o discurso do apresentador do jornalismo popular. As frases citadas acima são presentes em textos jornalísticas de programas policiais, em sua maioria, aparece após a presença de fontes personagens e fontes especialistas, fazendo evidenciar o tom melodramático. Amaral (2011) tem a percepção de que houve uma diminuição na dramatização do noticiário policial. Ao estabelecer uma análise de relação com as frases citadas em programas policiais, nota-se proximidade com o que a autora entende como “cobrança das autoridades”. (Amaral, 2011, p.121) Mas ainda sim, os veículos de imprensa utilizam as polícias como fontes preferenciais devido à explosão da violência.

É possível que as insinuações que o jornalista faz com seus comentários de cobranças, sejam a partir de suas vivências como repórter nas coberturas de rua. Inclusive, porque na rotina do repórter atrás de cobrir episódios trágicos impactam diretamente na escolha de fontes. Por exemplo, ao trazer um personagem envolvido com os acontecimentos, ressalta Fuccia (2008). Por meio dessa relação de proximidade, o repórter é induzido a falar em uma linguagem mais popular e específica de determinados grupos sociais. Guerra (2008 *apud* Moraes 2017) reforça que o profissional que atua com jornalismo policial “sai para apurar uma notícia munido de todo o conhecimento profissional que o faz ser reconhecido como jornalista”. Esse reconhecimento permite que o jornalista tenha em sua agenda fontes confiáveis, especialistas e oficiais que facilitam a produção da matéria e, se possível, respaldar-se dos eventuais erros de informação.

Para além dessas fontes institucionalizadas, a presença de populares nas entrevistas é essencial para a construção da matéria policial. Para Amaral (2011), pessoas comuns têm visibilidade no jornal, todavia, eles não devem ser apresentados apenas como vítimas, mas sim na condição de cidadão. Isso porque não adotam uma posição neutra, o que favorece aos profissionais emendar comentários emocionantes diante das vítimas, fazem perguntas que induzem a respostas dramáticas e chegam consequentemente a dizer palavras de indignação e repúdio contra os criminosos/ações.

Sobre as fontes de notícias policiais, Amaral (1969 *apud* Moraes 2017) reforça quais são: os tribunais, as delegacias, os hospitais, os bairros, as ruas e as avenidas, a cidade inteira, ou seja, as fontes de notícias estão em todos os lugares. Para os autores, é normal que os jornais mantenham informantes em delegacias, hospitais e em outros locais considerados importantes. É dessa forma que a redação estará ciente de informações relevantes que se

passam na cidade. Essa passagem descreve a década de 70, entretanto, atualmente, essa ainda é a realidade de muitos veículos de imprensa do Brasil. O profissional capaz de estreitar laços com delegacias de polícia, além de garantir uma boa fonte, seja ela criminosos confessos, testemunhas ou vítimas, têm acesso a pautas atualizadas para prosseguir com outras produções jornalísticas.

O jornalismo policial no rádio é lembrado até hoje pela interpretação de algumas figuras que foram importantes para o seguimento. Na década de 70, Gil Gomes e Afanásio Jazadji foram os responsáveis por levar a informação dos principais crimes acontecidos nas capitais do Rio de Janeiro e São Paulo pelas ondas do rádio logo pela manhã. Predominantemente populares, ambos os radialistas, na figura de apresentador, concentravam suas falas na valorização da polícia e da violência como principal problema social do país. Sobre as narrações no rádio, Araújo (2017) ressalta que o trabalho de Gomes e Jazadji negociava com elementos do melodrama e do entretenimento, estratégias que se vinculam aos programas ditos populares e às práticas do gênero policial. Em síntese, essas estratégias são vistas por Angrimani (1995) como “tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereciam esse tratamento.” (Angrimani, 1995, p.16) Reforçando que o sensacionalismo está ligado ao superdimensionamento do fato, então, nesse caso, os radialistas utilizaram e, atualmente, ainda utilizam de artimanhas para tratar pautas relacionadas ao ambiente urbano e ligadas a violência. No entanto, o autor adverte ao fato de que o jornalismo sensacionalista é visto como algo pejorativo, referindo-se a veículos ou profissionais da comunicação.

Ademais, conforme apontam as pesquisadoras Thiara Maria Castilho Aires e Patrícia Quitero Rosenzweig (2015), foi identificado que no telejornal policial, o sensacionalismo é a linguagem mais usada. Ao referenciar o “Aqui, agora”, transmitido pelo SBT entre 1991 e 1997, o programa era conhecido como popular, mas sua composição se dava por matérias relacionadas ao gênero policial.

O telejornal popular levava notícias voltadas a acidentes, reconstituições de crimes, homicídios, entre outros. Os repórteres, desenvolviam suas narrações transmitindo emoção, o narrador/repórter se identificava com as vítimas, durante as imagens uma música expressando suspense, o que era difícil ou quase impossível o telespectador mudar de canal. (Aires e Rosenzweig, 2015, p.35)

Para as autoras do artigo “A identidade cultural do jornalismo policial chumbo grosso”, o texto apresentado e até os comentários são construídos com muita redundância.

Artifício esse utilizado para reforçar a figura do apresentador/repórter ao direcionar inúmeras vezes falas incisivas e repetitivas, por exemplo, o Gil Gomes, que, na visão delas se aproximava por meio de conselhos e até mencionava as histórias no ar, como oferecendo uma “ajuda”, “apoio” e “conselho” para a população. Observa-se que o fato em si é noticiado, mas existe uma narrativa com foco na repetição, o que corrobora com alguns tópicos trazidos para a discussão presente neste trabalho e que se estenderá para a análise do objeto de estudo.

Agora que compreendemos o jornalismo popular e o jornalismo policial, percebemos a existência de características em comum entre eles. Tais pontos favorecem a discussão que advém do objetivo de analisar o programa Itatiaia Patrulha para entender as estratégias comunicativas com base no jornalismo policial e popular. Haja visto o meu interesse em compreender quais as relações entre esses gêneros no programa Itatiaia Patrulha, da rádio Itatiaia, essa discussão será melhor aprofundada a partir do próximo capítulo, onde iremos trazer uma análise de cinco programas que foram analisados ao longo de uma semana.

4 ITATIAIA PATRULHA: “MOSTRANDO A VERDADE NUA E CRUA, A VIOLÊNCIA QUE SANGRA A CIDADE”

Cinco horas da tarde marcam os ponteiros. Os relógios que ficam no estúdio da Rádio Itatiaia despertam indicando que o próximo programa já vai começar. Após um rápido silêncio, o ouvinte é surpreendido por uma voz grave, diferente da voz do apresentador, que anuncia o início do programa junto com a chamada: “Itatiaia Patrulha - mostrando a verdade nua e crua, a violência que sangra a cidade”. Logo em seguida, soam sirenes, catracas, barulhos de tiros, helicóptero sobrevoando e uma vinheta que deixa transparecer o suspense.

Na sequência, outra vinheta, desta vez musicada, em tom alegre e bem mais suave que a anterior, identifica o apresentador do programa, o que cria uma certa empatia com os ouvintes. A seguir, são veiculadas as manchetes do dia, que trazem os destaques na cobertura jornalística policial e os temas polêmicos que serão abordados no programa. As manchetes são apresentadas, em geral, com pequenas edições das falas dos entrevistados. (Pessoa, 2005, p.52)

A descrição acima refere-se ao Itatiaia Patrulha, um programa descrito no site oficial da emissora Itatiaia⁶ como “A notícia do jornalismo policial em primeira mão. Uma cobertura de credibilidade e corajosa dos crimes e barbáries que acontecem em Minas.” No ar de segunda a sábado, entre 17h 05min e 17h 55min, ele é apresentado por Renato Rios Neto, repórter policial e investigativo que reporta os principais acontecimentos de Belo Horizonte e região metropolitana. A partir das frases presentes no slogan e na descrição do programa na grade da programação, fica subentendido que o foco do I.P. é tratar de casos do cotidiano da população belorizontina e das cidades ao redor.

O Itatiaia Patrulha é um programa popular que aborda, como a própria vinheta de abertura anuncia, as histórias da vida. Dramas pessoais, casos de violência, assassinatos, incêndios, enchentes, desabamentos, seqüestros, roubos, acidentes de trânsito e tragédias diversas são pauta recorrente para jornalistas e entrevistadores. (Pessoa, 2005, p.49)

⁶ <https://www.itatiaia.com.br/>

Imagem 8 - Abertura Itatiaia Patrulha (10/01/2024)



ITATIAIA PATRULHA - 10/01/2024

Fonte: Itatiaia Patrulha - YouTube (2024).

A primeira parte da vinheta tem como imagem de cobertura o registro de tela acima, com o apresentador apontando para o ouvinte/telespectador de um jeito amigável como se “cumprimentasse” quem chega para a transmissão. Logo em seguida, a voz do radialista e condutor do programa Renato Rios Neto surge para anunciar a escalada, apresentando as manchetes que irão nortear o Itatiaia Patrulha do respectivo dia. Como, dramas cotidianos, crimes e tragédias envoltos em certas características que trabalhamos anteriormente nos outros capítulos. A superexposição da violência por intermédio da cobertura policial acontece por meio das descrições de cenas, entrevistas com autoridades, vítimas e suspeitos. Trazer ênfase às aparências, climas, sentimentos e demais informações, corroboram com o propósito de aguçar o imaginário do ouvinte do programa. Conforme apontado por Pessoa (2005, p.49), “Diariamente, no Itatiaia Patrulha, esses tópicos são tratados a partir da perspectiva e da visão de mundo de vítimas, autoridades e suspeitos”.

Pioneira no estado de Minas Gerais, a Rádio Itatiaia foi fundada em 20 de janeiro de 1952 pelo jornalista e radialista Januário Laurindo Carneiro (1928/1994), e desde então atende as estações 610 AM e 95.7 FM, atuando pelas editorias de política, entretenimento, esporte e outras temáticas 24h por dia. Conforme disposto na seção “Quem somos”⁷ do site oficial, a Itatiaia afirma entregar prestação de serviços e entretenimento, além disso, comentam trazer informações dos principais acontecimentos de Minas Gerais, Brasil e do mundo. Atualmente, de acordo com uma pesquisa realizada pelo Kantar IBOPE Media, divulgada no portal Tudo

⁷ <https://www.itatiaia.com.br/quem-somos>

Rádio⁸, no último ano, a Rádio Itatiaia FM 95.7 ultrapassou a marca de 100 mil ouvintes por minuto em parâmetros como 05h-00h (FM+WEB/todos os dias e locais).

Existem poucas informações disponíveis sobre o Itatiaia Patrulha, exceto os casos que ele repercute. No entanto, Pessoa (2005) identifica em seu trabalho que o programa teve sua estreia em 5 de julho de 1975. Desde quando foi ao ar pela primeira vez, ele tem seu formato disposto em quatro ou cinco blocos de programa, ou seja, possui de três a quatro intervalos, a depender das reportagens que serão veiculadas no período de 50 minutos. Ainda sobre o I. P., Pessoa (2005) destaca que é um programa dinâmico e que a formatação original está sujeita a alterações apenas em datas especiais ou então quando fatos jornalísticos de grande repercussão são registrados e abordados de maneira excepcional. Em sua pesquisa, a autora entendeu que o perfil dos ouvintes é variado. Entretanto, sua maioria são homens das classes C, D e E. Dados esses que corroboram com as matrizes do jornalismo popular defendidas por Amaral (2011) ao retratar que o jornal popular possui uma audiência predominante nas classes B, C e D; que inclusive, favorece a aparição de publicidades segmentadas a esse ouvinte que tem esse tipo de produto como parte do seu mundo.

Cabe ressaltar que a principal via de transmissão do programa atualmente é em Frequência Modulada (FM), visto que a Amplitude Modulada (AM) foi extinta no final de 2023. Toda via, nos últimos anos a Rádio Itatiaia tem expandido sua programação para os canais online, como redes sociais e YouTube. Visto isso, para me apoiar durante essa pesquisa, também contei com os episódios gravados e salvos no canal @itatiaiaoficial no YouTube⁹.

4.1 Contexto

Para elucidar a questão norteadora deste trabalho, que diz respeito às relações que o programa Itatiaia Patrulha estabelece com as matrizes do jornalismo policial e do jornalismo popular, optei por analisar uma semana do programa. Essa pesquisa não tem a pretensão de realizar um levantamento quantitativo, o critério de seleção utilizado para a escolha dos episódios foi para compreender como o programa é nos dias atuais e em uma semana qualquer do mês/ano. Considerando o início das aulas no dia 09/01/2024, optei por fazer a coleta de dados na semana em que o semestre de 2023.2 começava aqui na UFU, contemplando os dias:

⁸<https://tudoradio.com/noticias/ver/29294-panorama-radio-itatiaia-liberdade-fm-e-alvorada-fm-avancam-em-audiencia-na-grande-belo-horizonte>

⁹ <https://www.youtube.com/@itatiaiaoficial/streams>

08/01/2024¹⁰ - 09/01/2024¹¹ - 10/01/2024¹² - 11/01/2024¹³ - 12/01/2024¹⁴. Dessa forma, consegui acompanhar a proposta da disciplina e encaixar as atividades em prol deste trabalho desde a primeira semana de aula. Acrescento que, ao idealizar essa pesquisa, não pretendia buscar nenhuma matéria ou cobertura específica, e sim analisar um período aleatório, sendo os dias descritos acima. Tenho ciência de que qualquer período que fosse seria passível de encontrar variações, no entanto, iniciei a pesquisa com o intuito de encontrar ligações, traços e indícios das matrizes policiais e populares para compreender o programa.

Acrescento ainda que a análise se propõe a verificar momentos que se destacam nos episódios para responder a questão norteadora “quais as relações do Itatiaia Patrulha com as matrizes do jornalismo popular e do jornalismo policial?”. Dessa forma planejamos apontar os diferenciais e evitar aprofundar exaustivamente sobre o objeto para que o trabalho não se torne uma discussão repetitiva em torno dos operadores analíticos. Ademais, como o Itatiaia Patrulha tem seu roteiro composto por outros crimes que remetem ao cotidiano de uma cidade, como acidentes, informações de trânsito, incêndio, chuva e alagamentos, essas não serão focadas para essa discussão, evitando análises exaustivas e repetitivas. Por possuírem outros formatos e dimensões, nem todas as matérias exibidas no período selecionado serão trabalhadas nesta monografia.

Assim como descrito por Sônia Pessoa há 19 anos, as características que ela observou nos minutos iniciais do programa são quase as mesmas de hoje. Exceto que, atualmente, a emissora está amparada por um canal no YouTube, que possibilita os episódios serem armazenados e também viabiliza a divulgação de imagens e vídeos. Além disso, a figura do apresentador mudou e consequentemente as frases de efeito, mas, conforme descrito por ela, dificilmente a formatação é alterada.

O time de jornalistas policiaiscos tem nomes como Sikêra Jr., Marcelo Rezende, José Luiz Datena e Cândido Gil Gomes. Cada um deles possui suas particularidades, mas, algo é comum a todos: pregam sentidos de vigilância, promovem debates, utilizam de jargões policiais, repetição de palavras, gírias, chavões e outros elementos presentes tanto no jornalismo popular como também no policial. Essas formas de se aproximarem da audiência, atribuindo personalidade ao discurso remetem aos folhetins, pois os apresentadores buscam

¹⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=FB6XBb0vDmQ&t=124s>

¹¹ <https://www.youtube.com/watch?v=L4IzwZZkXx0&t=2405s>

¹² <https://www.youtube.com/watch?v=6tKZuCRw5fA&t=331s>

¹³ <https://www.youtube.com/watch?v=iY6-N6VTs4Y&t=26s>

¹⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=WUFZXxSiPLs&t=5s>

estreitar laços com essa abordagem popular de contar histórias e cultivar o interesse do telespectador.

Inclusive, esse também é o caso de Renato Rios Neto, apresentador do Itatiaia Patrulha que personaliza alguns jargões policiais e expressões populares para conversar com seu ouvinte como se buscasse romper a formalidade presente nos jornais tradicionais.

É preciso criar uma identidade com o público que mantenha e fortaleça essa relação. Mas também é preciso mostrar-se diferente, em outro patamar, já que “o povo”, por si, não consegue resolver muitos de seus problemas – se conseguisse, não precisaria de um “representante” na televisão. (Hamilton, 2006, p.8)

Imagem 9 - Renato Rios Neto exhibe cartaz “a casa caiu!”



Itatiaia Patrulha 22/03/2019

Fonte: Itatiaia Patrulha março de 2019 (2024).

A partir da concepção de alguns pontos já trazidos anteriormente no referencial bibliográfico, no presente capítulo, iremos interpretar o Itatiaia Patrulha a partir dos operadores analíticos escolhidos. Com isso, buscaremos elucidar se os operadores existem no programa radiofônico policial e como se apresentam, sendo eles: entrevistas, estética do jornalismo policial e superexposição da violência.

A escolha dos três operadores é indispensável para auxiliar no processo de compreensão do problema de pesquisa trazido para este trabalho, tendo em vista que favorece a organização das ideias e também direciona a análise dos episódios com base nas matrizes do popular e policial. Abaixo, cada um dos três operadores analíticos estão dispostos em tópicos

e em cada um deles, destacamos momentos relevantes da semana escolhida do Itatiaia Patrulha com base na fundamentação teórica.

4.2 Entrevistas

Para que o jornalismo seja considerado popular, é preciso que ele estabeleça proximidade com os personagens envolvidos e também com o público alvo. Para estreitar o laço entre as partes de forma que o fato noticiado tenha mais notoriedade, as fontes são colocadas em posição dramática e discursam por justiça. Amaral (2011) destaca que dar visibilidade às histórias do povo garante a popularidade do jornalismo popular, como também, dá um caráter mais pessoal, ela nomeia como “personalização”. Ao trazer trechos de entrevistas logo na abertura de reportagens, “[...] pode levar à execração pública de supostos criminosos ou corruptos, prática adotada nos programas dedicados ao jornalismo policial.” (Amaral, 2011, p.65) Durante os cinco programas analisados do Itatiaia Patrulha, as entrevistas são constituídas por: fontes especialistas, fontes populares e autoridades. Cada segmento desse desempenha papel importante nos episódios. As entrevistas com autoridades, por exemplo, situam o ouvinte das informações policiais, mostra seriedade e conforme descreve Amaral (2011) dão credibilidade à matéria. Outros personagens que servem de fonte jornalística são os populares, encarregados de dar autenticidade ao fato, gerar sensação e assumir ainda a “função testemunhal”. (Amaral, 2022, p.67) O aparecimento das fontes compõem a matéria muito pela proximidade que busca se estabelecer pela linguagem, Caldas (2005) comenta que:

Nos programas policiais, as entrevistas parecem buscar a manifestação dos sentimentos do entrevistado, compondo o modelo que Chantler e Harris (1998) definiram como entrevista emocional, que deve ser realizada em momentos de alegria e de tristeza, e é considerada uma das mais difíceis de ser produzida no rádio. Na perspectiva desses autores, na ocorrência de tragédias haveria sempre alguém disposto a comentar publicamente o seu sofrimento para se sentir aliviado. Mas eles alertam que os jornalistas devem estar atentos para não provocar uma dor extra em nome de uma boa entrevista. (Pessoa, 2005, p.27)

As entrevistas do programa 08/01/2024 são em sua maioria com fontes policiais. Na primeira reportagem o repórter Oswaldo Diniz, também nomeado pelo apresentador como “Guerreiro da notícia”, traz o Coronel Godinho como representante da Polícia Militar para informar sobre a operação na região norte da cidade. A reportagem é sobre a operação que busca prender os envolvidos na morte do Sgt. e demais foragidos da ‘saidinha de natal’, ao

convidar a fonte, por volta do minuto 8, o repórter questiona o Cel. — “Qual a opinião da PM sobre a saidinha de fim de ano?” — “Essa operação tem previsão para acabar? Enquanto não tiver todo mundo no sistema prisional, vocês não vão ter paz, não né?”. Nesse caso, o entrevistado responde à pergunta e também acrescenta outras informações que contribuem para a construção da reportagem.

Nota-se que as indagações por parte do repórter Oswaldo Diniz corroboram com que Pessoa (2005) entende como dar ênfase nas informações a fim de ressaltar a gravidade dessas ações. Para a autora, isso advém da ‘promoção de dramaticidade’. Tendo em vista que “o comentário sobre determinadas situações sociais ganha comoção a partir do uso de elementos linguísticos que visam ao envolvimento do ouvinte com a história”. (2005, p.102) Na reportagem em questão, as perguntas intencionais do repórter realçam a complexidade da operação policial que está sendo noticiado, tendo em vista que as fontes oficiais “guardam informações interessantes e têm legitimidade para falar à sociedade.” (Amaral, 2011, p.56)

No quarto bloco do programa, a partir do minuto 35:45, novamente Diniz retoma sua aparição trazendo a notícia de uma perseguição “frenética” com a vítima sendo a principal testemunha. Isso porque ela foi abordada e tem a imagem clara do homem que a parou e anunciou o assalto. Após acionar a polícia, a vítima recebeu apoio dos policiais que a convidaram para dar uma volta no bairro em busca do criminoso. Nesse instante, ela reconhece o rapaz que a abordou e começa uma perseguição com a vítima recém assaltada na viatura.

Depois de entrevistar o Sargento Bruno Otoni, que descreveu a situação e afirmou ter encontrado os pertences que haviam sido roubados, Diniz conversa com a vítima de 19 anos, que solicitou modificação na voz. Pessoa (2005) percebe que em programas jornalísticos alguns “entrevistados escolhem o anonimato para ter mais liberdade durante a interação, sem se preocupar em ser reconhecidos por ouvintes que, eventualmente, façam parte do seu meio social”, como é o caso dessa jovem que pediu para distorcer a voz, tendo em vista que além de roubada, também foi ameaçada.

Durante a entrevista, o repórter Oswaldo Diniz questiona como foi a ação. Em seguida, comenta:

37:44 — “Eu to vendo que você tem uma tatuagem no pescoço escrita abençoada, a sua fé acabou te ajudando, né?” — “Qual foi a sensação que você teve durante a perseguição? Giroflex fez barulho”, curtiu? A vítima responde positivo e descreve a sensação de fazer parte de uma perseguição policial — “você não gostou de ser roubada, mas o que veio depois acabou te agradando um pouquinho?”.

A todo momento, a impressão que sobrepõe à matéria diz respeito ao imediatismo e à velocidade com que os fatos aconteceram. Nesse caso, o assalto e a perseguição policial contribuem com a percepção de Ortriwano (1985), alegando que no rádio os fatos são transmitidos no instante em que ocorrem. Por outro lado, Pessoa (2005) entende esses momentos como ‘dramatização temporal’, visto que, em determinados momentos da entrevista, “algumas locuções adverbiais temporais garantem à narrativa, especialmente em diálogos veiculados no rádio, a ideia de que o fato está ocorrendo naquele momento em que o público está recebendo a informação ou que algo importante aconteceu até o instante da entrevista.” (2005, p.103) Durante a entrevista, pode-se destacar também o tom melodramático provocado pela atuação do repórter, Araújo (2017) entende que a essas perguntas são feitas com base nas “formas ancestrais de se contar histórias de crime e polícia na literatura e no cinema” (Araújo, 2017, p.105), como se buscasse popularizar a narrativa por meio da riqueza de detalhes. Cabe acrescentar que o ato de violência em questão é seguidamente colocado em posição de espetáculo, visto que a vítima se anima com a perseguição policial. Após consumir a devolução dos itens roubados, prevalece o discurso moral em cima da criminalidade.

No episódio seguinte, é possível identificar outros fatores que contribuem para a análise das relações com as matrizes do jornalismo policial, dado a exceção de que o programa do dia 09/01/2024 foi transmitido diretamente do cemitério Bosque da Esperança, localizado na região norte de Belo Horizonte. A cobertura especial coincidiu com o momento em que a PMMG presta as últimas condolências a um militar morto em serviço. Nesse contexto, o ao vivo contribuiu com a percepção de Araújo (2017), em que transparece não somente a cobertura factual, mas o apelo dramático e sensacional na abordagem dos relatos ali transmitidos. Sobre esses relatos, percebe-se que a construção da cobertura prioriza entrevistas que se destacam pela escolha das fontes, sendo elas: uma mulher amiga da família, o secretário de justiça e segurança pública de Minas Gerais, o Comandante geral da PMMG, outra mulher, tia da vítima e um Promotor de Justiça de Minas Gerais.

Todas essas entrevistas possuem relatos que trazem uma perspectiva para além da notícia, como, por exemplo, até por parte da repórter Amanda Antunes ao conduzir as perguntas e consequentemente nas respostas desses entrevistados, o ouvinte consegue compreender o que tem acontecido nos bastidores. Ou seja, quando Renato Rios e Amanda Antunes descrevem situações como — “a viúva não para de chorar um minuto sequer”, — “balões brancos, e outras honrarias militares acontecendo”, — “momento de muita emoção, os balões brancos sendo jogados ao céu, uma cena muito bonita”, — “o caixão está sendo

carregado pelos militares que trabalhavam diretamente com ele”, — “é de arrepiar”, — “está lotado e as pessoas indignadas com a violência e com a impunidade” entre outras expressões que enfatizam a opinião pessoal e contribuem para a construção da narrativa sensacionalista.

Considerando que o produto radiofônico tende a estabelecer uma proximidade com a audiência, a diversidade de entrevistas na cobertura do dia 09/01/2024 possibilita que o ouvinte se situe sobre a ordem cronológica dos fatos. Pessoa (2005) reforça que os locutores e repórteres radiofônicos costumam se dirigir tanto para o ouvinte quanto aos entrevistados informalmente, como se estivessem conversando com uma pessoa conhecida. Essa análise da autora transparece quando o episódio traz cinco entrevistados que proferem discursos distintos, mas que possuem pontos em comum. Por exemplo, ao lamentar a morte do Sgt. Dias, mostram-se indignados com o acontecido, agradecem às manifestações de apoio, se posicionam negativamente sobre o benefício da saidinha. Em todas as entrevistas as pessoas demonstram-se à vontade frente ao jornalista, que posteriormente irá repassar ao ouvinte as emoções da conversa. É por meio do coloquialismo presente nessas interações que o convencimento e a emoção surgem de forma mais espontânea, ainda que característica de programas policiais e populares.

Essas interações, que despertam emoção, também são responsabilidades do repórter que conduz a entrevista a fim de contribuir para a narrativa sensacionalista. Tendo em vista a definição de Angrimani (1995) de que o sensacionalismo está ligado ao superdimensionamento do fato, percebe-se que a repórter Amanda Antunes explora essa possibilidade de trazer mais emoção ao acontecido.

07:50 — “Eu queria saber sua opinião como cidadã que paga impostos, a gente levantou a discussão aí, a questão da saidinha, porque a pessoa [corrige] o criminoso que assassinou, né? Um policial em serviço estava em saidinha temporária, um beneficiário era um homem com várias passagens pela polícia e simplesmente na rua durante o final de ano. E, ao mesmo tempo, a gente vê o final de ano onde as pessoas estão com dinheiro na rua, né? Essas pessoas pedem e querem mais segurança, que as pessoas estão fazendo compras, enfim, não só os policiais militares, mas também a sociedade, né? E eu queria saber a sua opinião sobre isso.”

Durante essa interação de pergunta e resposta com uma amiga da vítima, ela indaga essa fonte para comentar questões pessoais da vítima, por exemplo, a relação entre amigos e familiares, como era com os estudos, e relembra como a morte aconteceu. Essa lamentação enfatiza a percepção de superdimensionamento do fato. Nota-se também o uso da repetição dessas falas, que consequentemente acrescem o discurso melodramático da narração. Por

exemplo, a repórter durante a entrevista comenta sobre a tristeza de um pai (o Sgt. Dias) que não vai ver a filha crescer. Ao devolver para o estúdio, o apresentador Renato Rios neto retoma esse mesmo discurso com mais destaque:

09:50 — “Situação tão triste, né, gente? Tão triste como a amiga da família disse, eles tinham uns planos, né? Ele tinha planos de ver a filha dele crescer, como todo cidadão quer né. Todo pai tem esse sonho de ver a filha crescer, prosperar, ver o desenvolvimento da filha. Infelizmente esses sonhos não serão realizados.”

Outro momento que cabe destaque foi prestes a encerrar a transmissão, em que o apresentador exibe uma entrevista gravada anteriormente com o promotor de justiça. Após esse trecho, ele convida o ouvinte a uma reflexão final sobre esse acontecimento.

47:30 — “É, ouvimos o promotor Marcos Paulo Miranda e eu acho que a grande reflexão, meus amigos, é a seguinte: Do jeito que tá? Não dá! E acho que todo mundo concorda comigo. Nós temos que discutir enquanto sociedade o que queremos [...] Então, a gente termina essa cobertura especial aqui nesse tom de indignação.”

Percebe-se que as entrevistas viabilizam uma narrativa comum do jornalismo policial, com ênfase na dor do outro para trazer audiência. Isso se dá por meio de diversos artifícios, nesse caso, as entrevistas com parentes da vítima que relatam tristeza, dor e as consequências dessa perda foram o foco principal. Além da indignação, essa que sobressai pela sensação de impunidade, visto que, em inúmeros momentos, o apresentador ressalta que o suspeito de cometer esse crime estava em benefício da saidinha de natal. O que corrobora com a ideia de impunidade, são as entrevistas com autoridades do poder público, ao reconhecerem que o benefício precisa de melhorias, para as próximas saidinhas não acontecer esse tipo de crime, conforme apontado na entrevista com o promotor de justiça ao final da cobertura.

Focar na dor do outro é uma estratégia comum do jornalismo policial. Manso (2023) entendeu que utilizar o sensacionalismo como apelação nas descrições de cenas explícitas de crime atraía a atenção dos ouvintes. No Itatiaia Patrulha do dia 10/01/2024 e 11/01/2024, está explícito durante as entrevistas que construíram a reportagem sobre uma jovem de 18 anos assassinada em casa e o namorado era o principal suspeito. Já no início do programa, o repórter Oswaldo Diniz introduz a matéria que repercute o feminicídio, em seguida, quem conta sobre o horário em que começaram as movimentações e sobre a chegada da PM é uma vizinha. Pessoa (2005) avalia que entrevistas são como uma conversa: “a interação, que é em

princípio institucional, constitui-se, nesses programas, com uma certa espontaneidade, possibilitado pela condução do entrevistador e pela colaboração do entrevistado.” (2005, p. 26)

Dando continuidade a cobertura de feminicídio, nota-se que no dia seguinte, a introdução da reportagem é com base na fonte do dia anterior, mas no episódio em questão (11/01/2024) aparece outra entrevistada, dessa vez a irmã da vítima. No primeiro bloco do programa, próximo ao minuto 6:00, o Oswaldo Diniz introduz a reportagem levantando a suspeita de que o autor do crime seria o namorado da vítima, isso por conta — “dele ter assumido feminicídio para uma irmã da vítima. Bastante emocionada, Brenda Fernandes conta o que ouviu do cunhado”. A irmã concedeu entrevista com a voz embargada de choro, nesse caso, o relato dela além de comover e chamar atenção para o feminicídio, acrescentou informações sobre o evento ocorrido.

06:45 — Irmã da vítima: “se vocês virem ele [suspeito] por favor acione a polícia. E eu peço João [suspeito e namorado da vítima] encarecidamente, no fundo do meu coração por tudo que já fizemos por você. Me devolve o celular dela [vítima] porque eu quero guardar de recordação as lembranças que tem nele para o filho, te peço de coração se entregue, cumpre a sua palavra que você me deu.”

Repórter Oswaldo Diniz: — “Eu até fico meio constrangido em te fazer algumas perguntas porque eu sei que o seu estado emocional cativa até a gente. Eu tô perto de você segurando minha onda para não chorar também, mas eu queria que você me dissesse o seguinte: como que era a relação dos dois?”

Além desse, outros trechos da entrevista constroem a narrativa dramática presente na reportagem. É por meio do comportamento da fonte que transpassa para o ouvinte a sensação de que esse suspeito não pode fugir e que ele deve aparecer para pagar pela morte da irmã dessa jovem. O que corrobora com essas questões está presente na interação entre repórter e entrevistada, visto que ela comenta assuntos pessoais, como, por exemplo, questões financeiras, pretensões da vítima, e entre esses relatos retoma o discurso em busca de justiça: — “Ô João, se entrega, por favor, para mim ter um pouco mais de paz no meu coração”. A mãe da vítima também dá entrevista e comenta:

09:00 — “Ela era minha companheira dentro de casa, tudo era ela, eu não dava um passo sem ela. Nós brigava, brigava, mas onde que eu ia, minha filha ia comigo. Eu não aguentava sair de casa sem ela. Mas eu peço em nome de Jesus pelo leite derramado que os polícia pega ele, que o juiz, advogado quem for faça justiça. Ajuda nós porque o que ele fez com minha filha foi muita covardia. Meu Deus.”

O trecho da entrevista acima remete ao fenômeno que Pessoa (2005) observa sempre que acontece um fato trágico, alguém estará disposto a vir a público e comentar da dor e sofrimento que ronda as pessoas próximas. São a aparição dessas fontes populares que contribuem para que a notícia jornalística policial não seja construída apenas pelas fontes oficiais, até mesmo porque eles informaram ao repórter somente o acontecimento em si. Para favorecer a divulgação de um acontecimento que envolva e desperte na audiência a sensação de que a vítima precisa que a justiça prevaleça, os repórteres buscam captar entrevistas de populares. Dessa forma, com o aparecimento dessas fontes, as matérias passam a negociar com elementos do melodrama e tendem a gerar entretenimento por ser estratégia do segmento popular e também do policial, a fim de que o ouvinte retorne no dia seguinte para saber o desfecho da história.

O alívio dessa família ainda estaria longe de acabar, isso porque o suspeito encontrava-se foragido. Mesmo que a entrevista fosse reprise do dia anterior, o sofrimento ainda perpetuava, essas mulheres tinham dor por essa morte. No entanto, aproveitando-se do espaço no rádio, uma das entrevistadas bastante emocionada reforçou seu pedido de justiça. O discurso pede que o suspeito e pai da criança se entregue. Além disso, direciona uma mensagem a terceiros, nesse caso algum ouvinte do Itatiaia Patrulha, se por acaso ver esse homem pelas ruas, que acione a polícia.

No rádio, percebe-se ainda que esses elementos desempenham papel importante na tentativa de despertar no público da emissora a sensação de que o discurso é tão expressivo e intenso que ultrapassa a proximidade entre falante e ouvinte e chega até a audiência. (Pessoa, 2005, p. 103)

Pessoa (2005) compreende ainda que “o Itatiaia Patrulha parece conseguir manter um estilo de produção que preservaria grande parte da naturalidade na conversa gravada” (2005, p. 64). Ou seja, mesmo que as entrevistas foram reprisadas, o repórter constrói a reportagem como se fosse naquele instante. Nota-se que ele apenas insere novos comentários, pois está acompanhando o desdobramento do caso, e já direciona sua fala para a audiência, pedindo que esse suspeito seja encontrado para o alívio da família e acrescenta — “quem tiver alguma informação pode fazer denúncia anônima no telefone 181”.

Antes de prosseguir com o programa, Renato Rios diz estar emocionado com a fala da irmã e da mãe da vítima, — “quem não se emocionou é que perdeu o coração aí nesse mundão, né? Como que não se emociona, gente? Que tristeza dessa irmã e dessa mãe”, emenda o apresentador. Entende-se que, ao demonstrar empatia pela dor do outro, e também

ênfatisar a tristeza da família da jovem morta pelo companheiro, ele se aproxima do drama em que eles estão vivendo e se compadece.

O último episódio analisado, com a data do dia 12/01/2024, exibe alguns casos rotineiros da editoria, como incêndio e roubos. Neste último, a PM prendeu em flagrante dois suspeitos de assaltar um motorista que chegava em casa. Durante a ocorrência, quem se desloca para fazer a cobertura é o próprio apresentador. Ele então conversa com um Tenente do Tático Móvel que comenta como foi pensado o bloqueio das principais rotas para prender a dupla de assaltantes e também outros detalhes da operação. Ainda durante a entrevista, Renato Rios pergunta ao policial — “foragido da justiça, foi roubar na região do Barreiro, e a casa caiu? [policial responde] — A casa caiu”. Nesse diálogo é possível observar que por mais curto que seja, o discurso se complementa, e reforça que o jargão policial que refere a “casa cair” foi empregado fazendo referência a prisão do suspeito. Além disso, essa passagem complementa o interesse da fonte policial, que é a posição de defesa e exibição do interesse da corporação ao efetuar a prisão imediata do suspeito de assaltar um morador entrando em casa. Dessa maneira, o que está sendo pautado é a segurança da população e contenção dos “bandidos”.

Além da entrevista supracitada, os dois suspeitos de envolvimento com o assalto também conversaram brevemente com Renato Rios, no momento ele questionou o que os teria levado a cometer o crime, o preso de 20 anos diz não ter nada a declarar, em seguida ele insiste: — “o que que deu essa ideia de meter essa fita hoje, cara? Alguma precisão aí de grana? [suspeito responde] precisão. No senso comum, meter fita significa roubar algo, Pessoa (2005) entende que fazer o uso desse recurso, a utilização de gíria, é comum a alguns contextos, como o citado acima, pois tem em vista quebrar a formalidade da situação.

4.3 Estética do jornalismo policial

Outro ponto a se notar é sobre o posicionamento do profissional de comunicação que atua nesta área. Durante o Itatiaia Patrulha, é possível observar a demonstração de indignação, cobrança por respostas, corresponder às indagações que o ouvinte/telespectador faz e até mesmo aconselhá-lo. Esses pontos corroboram com a percepção de Amaral (2011) sobre o perfil do jornalista, onde a autora destaca que, para atuar no segmento popular, “é preciso desenvolver empatia com o público-alvo para adequar as pautas e a linguagem ao mundo do leitor [...] ser sobretudo sensível, construtivo e didático.” (Amaral, 2011, p.129) O discurso que inicia o Itatiaia Patrulha do dia 08/01/2024, possui todos os elementos que Amaral (2011) destaca como importantes para a construção do jornalista popular. Renato Rios Neto atua

criando uma narrativa que sensibiliza o ouvinte sobre o momento que levou à morte o Sgt. Dias enquanto estava em operação pela PMMG.

03:16 — “[a imagem do tiro] todo mundo viu. Que demonstra ali, né, de um lado alguém que tem mil preocupações perante a sociedade, com medo de atingir um inocente, com medo de depois ser crucificado pela mídia hipócrita, com medo de ser preso, com medo de perder a farda, com medo de mil e situações que o stress vai acumulando na cabeça do Guerreiro da Segurança Pública. Então chega numa ação dessa ele tem que pensar 753.000 vezes antes de apertar o gatilho em questões de segundos e do outro um pila, né? O Malaco o safado ordinário que não tem nada a perder. Que não tem nada a perder! Que já tem várias passagens idas e vindas do sistema prisional e recebeu um benefício de uma saída temporária de uma saída temporária, e que não voltou porque tem a certeza da impunidade.”

A fala do apresentador possui questionamentos incisivos, para Amaral (2011), essa característica relaciona-se com o melodrama, haja vista que ele é utilizado como recurso narrativo para seduzir e dar visibilidade, mas que ainda pontua interesse em combater injustiça. Ademais, essa busca pela atenção da audiência, dialoga também com o sensacionalismo, pois explora o sofrimento humano e a banalização da violência.

No primeiro bloco do Itatiaia Patrulha exibido no dia 08/01/2024, o apresentador fala por três minutos ininterruptos sobre algumas questões que norteiam o episódio da morte do policial. Uma fala carregada de drama, onde na mesma frase ele cita a sociedade de luto e relembra a imagem chocante dos disparos, em seguida cria uma narrativa em torno do profissional de segurança como cidadão: — “de um lado temos um cara que acorda cedo, corre atrás para defender a sociedade de tudo que é jeito e do outro lado temos um camarada que tira foto na cadeia mostrando o dedo do meio.” No próximo minuto desse discurso, 11:00, ele traz alguns questionamentos às autoridades sobre questões que envolvem o ministério público e demais esferas do judiciário. Por fim, afirma que não está botando a culpa na juíza do caso, mas que ele tem o “dever de falar”. Somando-se à reflexão que ele faz acerca da segurança no Brasil, ele exemplifica a situação das Leis e também sobre as formas de abordagem que a polícia deve ter diante de suspeitos.

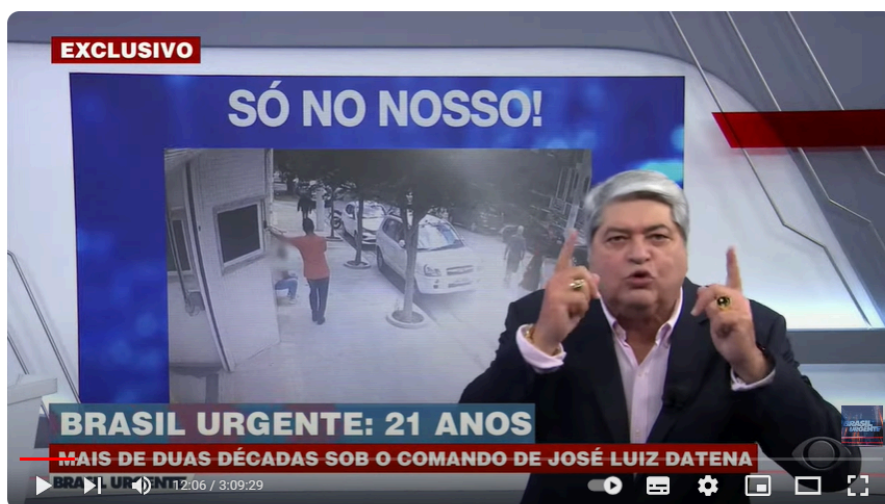
Na volta do intervalo, prosseguindo para o segundo bloco do Itatiaia Patrulha ainda no dia 08/01/2024, nota-se que o apresentador Renato Rios Neto comenta algumas informações relacionadas à apuração que ele fez nos dois dias após o acontecido.

15:30 — “Eu vou pedir para botar na tela aí, né? A questão do velório do sargento Dias será amanhã, 1 hora da tarde, o enterro às 5 horas da tarde na hora do Itatiaia patrulha, né? — O dia que eu achar isso normal, meus

amigos. Não sou eu. Vocês podem falar, uai, Renatão morreu e botaram outro no meu lugar. Porque eu vou lutar até o fim para que esse tipo de situação não se repita. A gente não pode achar normal um pila, assaltante, bandido matar um policial e tirar onda [...] é revoltante.”

Durante o seu discurso, ele consegue agregar intensidade em meio a tanta revolta, mas ainda, sim, aproveita e reforça sua proximidade com a audiência ao inserir um convite para quem estiver no rádio se conectar na *live* para saber mais informações sobre o velório que aconteceria na tarde seguinte. Com isso, outra estética do jornalismo policial ganha notoriedade, a expressão “bota na tela”, já conhecida no senso comum por ser utilizada por outros apresentadores do meio jornalístico. Abaixo, alguns exemplos de jornalistas que já fizeram e fazem o uso para chamar alguma reportagem. Nota-se algo comum do gênero policial que é a mediação de comentários incisivos, carregados de cobrança, indignação e elementos que envolvem o ouvinte (telespectador) com a história contada.

Imagem 10 - Brasil Urgente com José Luiz Datena



[AO VIVO] BRASIL URGENTE COM DATENA – 11/03/2024

Fonte: Ao vivo Brasil Urgente março de 2024 (2024).

Imagem 11 - Cidade alerta com Marcelo Rezende



Marcelo Rezende e Percival - Melhores Momentos 21/06/13 Corta pra 18!!!!

Fonte: Cidade alerta junho de 2013 (2024).

Durante o quarto bloco, a reportagem com a vítima de roubo de telefone reforça outro recurso utilizado no jornalismo policial, presente não só nas vinhetas desses programas, mas também nas pautas diárias, as perseguições policiais. Durante a abertura dos programas citados ao longo deste trabalho, notam-se alguns recursos em comum, por exemplo, o barulho do giroflex, trilhas sonoras de tensão, ação, emergência e outros. No entanto, esses elementos não estão apenas para compor, mas sim porque fazem parte do dia a dia dos profissionais de comunicação e veículos empenhados em cobrir jornalismo policial. Ainda no episódio do dia 08/01/2023, no minuto 38:30, Oswaldo Diniz questiona a vítima: — “Você estava dentro da viatura, né?”, “E aquele giroflex? [imita o barulho] aquela velocidade, qual que foi a sensação que você teve?”, reforçando o estilo de perseguição que o gênero policial possui.

A vinheta de abertura do programa instaura as estratégias de legitimação do telejornal: vigilância, perseguição e agilidade na construção da notícia. Estas estratégias, além de anteciparem parte da promessa (Jost, 2004b) que o programa pretende realizar com o telespectador, servem para produzir um efeito de credibilidade e de realismo em suas narrativas. (Oliveira, 2011, p.123)

Além das vinhetas, os programas radiofônicos tendem a utilizar com mais frequência efeitos de sonorização, pois facilita a demarcação do conteúdo mencionado. Também utilizam de outro som que ambientaliza o ouvinte e acompanham a divulgação de uma mensagem, o

"BG", abreviação para a expressão em inglês *"background"*. No caso do Itatiaia Patrulha, esse som é mais nítido quando o apresentador está narrando a cabeça, pois desempenha o papel de demarcar o encerramento do assunto, o aparecimento de sonoras e o que se destaca na reportagem. Por se tratar de um elemento que remete ao ambiente, ele possui altos e baixos, favorecendo a imersão e o destaque na fala do apresentador. Por exemplo, no minuto 1:15 do programa do dia 10/01/2024 quando Renato Rios Neto apresenta a introdução de uma notícia que irá falar mais para frente, nesse momento uma trilha sonora acompanha a fala dele. O caso em questão é sobre um casal de suspeitos presos por tráfico de drogas no aglomerado do índio, localizado no bairro Jardim Leblon, zona norte de Belo Horizonte. 1:15 — “A casa caiu para suspeitos de tráfico de drogas na Favela do Índio”. Após a mensagem percebe-se três segundos em que o BG aparece com volume mais alto, efeitos de sonorização remetem a fechaduras sendo destrancadas, batidas que despertam uma sensação de alerta e correria. Em seguida esse som de fundo é amenizado para que haja a inserção da sonora de uma fonte policial que trás informações complementares da “deixa” de Renato Rios Neto. A reportagem em si é retomada no terceiro bloco do programa, que foi ao ar na quarta-feira (10/01), após 20 minutos do anúncio, para essa matéria ele convida a repórter que apurou a reportagem para discutir no estúdio. Com um BG de suspense sob sua fala, o apresentador diz: “a sempre corajosa repórter Amanda Antunes” e situa a próxima reportagem por meio de uma pergunta à colega, — “a Rotam fez a casa cair, Amanda?”, é nesse momento que ela traz informações que compõem o *lead* jornalístico e introduz a fonte policial que irá comentar o caso.

Imagem 12 - Renato Rios Neto e Amanda Antunes - Itatiaia Patrulha (10/01/2024)



Fonte: Itatiaia Patrulha Janeiro de 2024 (2024).

A presença da repórter no estúdio permite que ela comente sobre outra reportagem exibida no mesmo bloco, daquelas que correspondem ao cotidiano da cidade, uma ocorrência de roubo a apartamento. Nota-se que a participação dela dura cerca de 5 minutos e relembra o papel desempenhado por Percival de Souza, jornalista conhecido por atuar como comentarista de segurança pública no programa Cidade Alerta.

Imagem 13 - Cidade Alerta com Marcelo Rezende e Percival de Souza



Fonte: Portal R7 maio de 2015 (2024).

Ao observar essa dinâmica de interação entre apresentador e repórter, percebe-se que o jornalismo policial, além de noticiar um fato em si, viabiliza que outras análises sejam feitas em paralelo. É nesse momento de troca entre eles que compreendemos o que Amaral (2011) entende estar por trás da notícia no jornal popular, visto que o ouvinte/telespectador precisa de uma discussão simplificada, para favorecer a proximidade tanto geográfica quanto cultural de quem recebe a mensagem. Como se as matérias jornalísticas fossem traduzidas em uma conversa de três agentes: apresentador, repórter e audiência, pois o papel que o apresentador exerce ao direcionar seus pontos de indignação ao colega, fica subentendido que poderia ser um popular nesse mesmo local. Para Pacheco (2005), “o rádio necessariamente tem que atender à sociedade que vive em seu entorno, ao ser responsabilidade dele, além das coberturas jornalísticas dos acontecimentos, o debate das problemáticas, o esclarecimento de questões públicas.” (2005, P. 10)

No programa do dia 11/01/2024 nota-se que o apresentador indica que está trabalhando em uma reportagem investigativa, ele ressalta que alguns dados ele adquiriu por

meio de (40:20) —“informações da polícia, né, da inteligência da segurança pública”. Ainda discutindo a estética do jornalismo policial, cabe acrescentar que o Renato Rios Neto, em determinados momentos do programa, parabeniza os policiais por suas operações. Ele faz questão de citá-los nominalmente, como: 37:13 — “Parabéns aí o nosso 18º Batalhão sempre atuante. Mandando um abraço aqui pro Tenente Coronel Câmara, tá lá com a mãe, a dona Edwiges, o filho Murilo e o tio Sargento Leonardo.” No dia 12/01/2024 após exibir uma reportagem de roubo ele deixa pressuposto que os suspeitos vieram de outro estado para cometer crime em Minas Gerais, mas aqui eles não saíram impunes, nota-se: 49:40 —“Parabéns aí aos militares do Tático Móvel do 41º batalhão. É aquela história, né, camarada foragido da justiça lá no Espírito Santo e vem aqui aprontar, né? Aí a casa caiu! não teve choro nem vela.”. Essa interação transparece não só reconhecimento por eles, mas pressupõe-se que exista uma relação de poder, de moralidade, e que pode envolver também questões políticas. Visto que, exalta com espontaneidade e reconhecimento das ações advindas pela força policial.

4.3.1 Chavões

O apresentador Renato Rios Neto busca a todo instante estabelecer uma proximidade com o ouvinte. Desde suas primeiras palavras ao entrar no ar, ele já faz o convite: “aumenta o volume do seu radinho, é hora do Itatiaia Patrulha; jornalismo policial raiz 110% de disposição”, mas principalmente ao longo do programa, quando levanta questionamentos. “Quem não deve não teme, né?”, “Eu fico indignado, gente!” e muitas outras frases, repetições e indagações em excesso que, no fim das contas, desejam entregar uma única mensagem, seja ela relacionada com a notícia ou frase de efeito que circunda a narrativa.

O uso da linguagem coloquial no Itatiaia Patrulha é um dos recursos utilizados pelo apresentador e também pelos repórteres para garantir o bom entendimento da mensagem. Pessoa (2005) reforça que os profissionais responsáveis por produtos radiofônicos costumam se direcionar ao ouvinte e aos entrevistados informalmente, como se estivessem próximos de uma pessoa conhecida. Amaral (2011) compartilha dessa mesma ideia, para ela, o jornalista popular se aprofunda e se envolve nas histórias do cotidiano dessas pessoas.

Uma das características mais marcantes do Renato Rios como radialista e apresentador são os bordões ditos por ele após a transmissão de alguma matéria, seja ela de assassinatos ou investigações em andamento. Reiteradas vezes ele solta frases de efeito que reforça a atuação da polícia e parabeniza a cobertura feita pelos repórteres frente ao acontecido. Considerando que esses profissionais possuem vivências com diversos tipos de fontes, já é esperado que ele

saiba se movimentar e se articular frente a diferentes grupos. No caso do narrador, não é diferente, pois ele sintetiza os acontecimentos e chama a atenção do ouvinte para o assunto principal por meio de frases repetitivas e “clichês”, os chamados “chavões”.

- A. **“A casa tem que cair!”**: Uma das expressões populares mais utilizadas por Renato Rios Neto pode ser associada a alguma situação que precisa de desfecho. Ela é utilizada depois de reportagens que exibem prisão, assassinatos e outros crimes, fazendo referência a medidas que precisam ser tomadas contra os acusados.
- B. **“Forte 73”**: O apresentador utiliza este bordão como assinatura no final do programa, ele deseja um “forte 73” e se despede do ouvinte. Essa saudação é conhecida no meio das radiocomunicações por ter sido utilizada pelos operadores de telégrafos ao se cumprimentarem.
- C. **“Pila!”** : Essa expressão como gíria possui diferentes significações. No entanto, ao ser empregada no contexto do Itatiaia Patrulha assume o sentido de alguém mal caráter, que trapaceia e comete crimes. Após a exibição das reportagens o apresentador faz alguns comentários, por exemplo, no programa do dia 10/01/2024 - 23:30 “A arma [...] na mão de vagabundo, na mão de pila, ele vai usar para o mal.” e também ao lembrar o ouvinte de alguns foragidos: 48:30 “recentemente a gente teve a fuga [...] uma penitenciária de segurança máxima, né? Até hoje esse pila ninguém sabe? Ninguém viu?”.

4.3.2 Análises dos episódios do Itatiaia Patrulha

Conforme discutido acima, alguns bordões são utilizados no programa para garantir que o pensamento do radialista chegue ao ouvinte de forma clara e objetiva. Para compreender melhor trouxemos os episódios para serem analisados pelo operador analítico, tido como chavões. A primeira tratando-se do episódio do dia 08/01/2024 (segunda-feira) em que, já no início do programa, Renato Rios relembra o episódio que causou a morte de Roger Dias da Cunha, policial militar baleado no dia 05/01/2024 (sexta-feira). O fato aconteceu durante a perseguição de um grupo de foragidos na região norte de Belo Horizonte. Durante a ação da polícia, o suspeito de disparar várias vezes à queima roupa estava em benefício da “saidinha de Natal”. Além desse rapaz acusado de efetuar os disparos, o porta-voz da PM afirma ter outros foragidos, para isso estariam fazendo uma mega operação para os condenados retornarem às penitenciárias. Essa afirmação foi dada em trecho de entrevista logo no primeiro minuto de programa.

Demonstrando indignação e “dor na morte do sargento Dias”, o apresentador afirma que passou o fim de semana empenhado no acompanhamento desse caso. Em certo momento, ele lamenta que o “guerreiro da segurança pública” diante de uma ação dessa precisa ter cautela diante das decisões que seriam tomadas, e, por outro lado, um “pila” que não tem nada a perder, além de acumular passagens no sistema prisional, não pensa duas vezes.

No minuto 4:40 após relembrar o caso que aconteceu três dias antes, o apresentador diz: “camarada com a certeza da impunidade”, em seguida, já convida o ouvinte (do rádio) para acompanhar a live (no YouTube), pois lá ele exibe imagens do suspeito e adianta que até o fim do programa, irá trazer outras informações.

Por volta de 11:30, ele ressalta que algumas informações sobre questões legais que envolvem o caso, relata ainda que em programas anteriores havia questionado o fato do Ministério Público ter solicitado à Juíza do caso que ele não tivesse o benefício concedido. Quando o apresentador ressalta não estar procurando culpado, mas na posição em que ocupa, ele “tem o dever de falar”, a impressão que transparece é de que Renato Rios buscava firmar cada vez mais com o ouvinte a veracidade das alegações que estão sendo ditas naquele momento. Ou seja, além de discutir questões públicas em que ele normalmente faz indagações, fica subentendido que, caso os posicionamentos contrários fossem considerados, como os antecedentes criminais, possivelmente esse PM não estaria morto. Em seguida, o apresentador pontua que “todos nós fomos baleados na cabeça, a verdade é essa”, reforçando para a audiência que ela também está inclusa, como se as consequências disso fosse atingir a sociedade toda.

12:06 — “O cara que tiver correndo e recebeu voz de prisão e reagiu, o policial está amparado a efetuar um disparo. Não tem. Aí 99% da mídia crucifica, a sociedade crucifica e o cara fica assim né? [gesticula como se fosse alguém sem saber como proceder] Mas é ‘melhor ser julgado por sete do que carregado por seis’, mas na hora o cara [policial] tem mil coisas para pensar. Mas o pila [suspeito] não.”

O colunista Renato Ferraz, do jornal Folha do Bico¹⁵, esclarece sobre do que se trata esse jargão popular. Mas do que ao certo o jargão “é melhor ser julgado por sete do que carregado por seis” se refere? É possível concluir que o autor se referia à preferência de ser submetido a um julgamento pelo tribunal do júri (composto por sete jurados) por matar alguém do que ter seu corpo levado por seis (pessoas que carregam um caixão). Ou seja, na

¹⁵<https://www.folhadobico.com.br/opiniao-ser-julgado-por-sete-ou-carregado-por-seis-uma-analise-sobre-o-dito-popular/>

visão do apresentador do Itatiaia Patrulha, o PM morto na operação não teve a oportunidade de optar por qual decisão tomar, visto que, ao ser surpreendido pela decisão alheia, tornou-se uma fatalidade.

Tanto no episódio do dia 08/01/2024 e 09/01/2024 ao comentar sobre a morte do Sgt. Dias, o narrador Renato Rios utiliza expressões populares que indicam revolta com os envolvidos nesta morte. Durante esses dois programas, ele insinua que a forma como essa morte aconteceu trata-se de “um tapa na cara”. Ao analisarmos essa frase no contexto empregado, entendemos que o “tapa” remete a desrespeito, dor e impunidade, tendo em vista a situação do suspeito ser reincidente no crime, 16:38 — “tragédia anunciada, pô! É... revoltante”.

Por mais que o rádio desempenhe o papel de descrever cenas para que o ouvinte se situe, em determinado momento o apresentador entende que as imagens dessa morte são pesadas demais, e essa questão é reforçada pela expressão supracitada, no entanto, acrescida do pronome possessivo *nosso*, ele diz: 10:06 — “a sociedade está de luto, né? Ou pelo menos que se importa com alguma coisa está de luto porque aqueles disparos na cabeça do sargento Dias, aquela imagem chocante dele caindo duro no chão, [...], elas são um tapa em nossa cara”. O pronome possessivo *nossa* desperta no ouvinte a sensação de que ele também foi vítima, tanto que no episódio do dia 09/01/2024 ele indaga: 18:21 — “um tiro contra todo o estado de Minas Gerais. É absurdo, né?”, ou seja, toda a população mineira é acionada para se revoltar, pois o apresentador os coloca nessa posição, de forma que ele consegue conduzir a conduta do ouvinte.

Ao longo de todos os programas analisados, Renato Rios repete algumas frases e metáforas que perpassam seus sentimentos de indignação, além de oferecer apoio e consolo aos entes dos envolvidos, garantindo mais drama ao discurso, pois elabora comentários enfáticos logo após a exibição da matéria. Quando se refere a pessoas suspeitas e “fora da lei” esses comentários reforçam que “a casa tem que cair” e também profere esse jargão como se fosse um recado, (11/01/2024) 52:35 — “e ó, você aí do TCP [facção criminosa], lembre-se hein? Um dia a casa cai, um abraço e até amanhã”. Quem está do outro lado do rádio pode interpretar que a “casa cairá” de diversas formas, como alguém ser preso, e outras ideias que ficam a critério do ouvinte, mas indicam que essas pessoas serão descobertas e não ficarão impunes.

Outras gírias e metáforas aparecem constantemente, percebe-se também que por se tratar de um programa local, além de utilizar palavras que remetem ao gênero policial, algumas fazem parte do dialeto da região em que ele está instalado, Belo Horizonte. Analisei

no trabalho de Pessoa (2005) alguns outros pontos ligados a sua análise de estratégias linguísticas e conversacionais.

O uso de determinadas expressões pode passar a pertencer a vários grupos linguísticos, como pode ser constatado em nosso corpus. No jargão policial, B.O. significa boletim de ocorrência; de maior, cidadão que tem mais de 21 anos; 57 é uma corruptela do artigo 157 do Código Penal Brasileiro, que diz respeito ao roubo, assim como 55, que se refere ao artigo 155 do mesmo código, que trata do furto. Elemento é um indivíduo suspeito de ter cometido um crime ou que tenha sido preso anteriormente. (Pessoa, 2005, P. 81)

A autora acrescenta ainda que é comum tanto por parte do repórter quanto do entrevistado utilizarem interjeições, como “uai”, “ué”, “pô” e “sô”, que demonstram obviedade ao que está sendo dito. Ao longo desta monografia, algumas falas transcritas, essas interjeições, são nítidas ao indicar descontentamento em relação a um ato de violência ou até mesmo podem demonstrar a emoção diante da notícia, como “nossa senhora”.

Os jornalistas que trabalham majoritariamente na rua cobrindo as notícias trazidas pelo Itatiaia Patrulha, são chamados pelo apresentador de “o guerreiro da notícia”, Oswaldo Diniz, e “a sempre corajosa repórter Amanda Antunes”, para Amanda Antunes. Esses adjetivos utilizados para nomear os repórteres mostram que eles são destemidos e vão atrás da informação, apuram o acontecido e possuem disposição para entrevistarem autoridades, vítimas e suspeitos. Quando Renato Rios Neto chama os repórteres com esses adjetivos antecedendo o nome, ele pede para que eles expliquem ao ouvinte o que aconteceu. A ideia que transparece é de que eles foram até o local sem medo e enfrentaram a situação em busca de trazer a informação mais assertiva para a audiência.

Pessoa (2005) entende que utilizar jargões, gírias e outros chavões são recursos que quebram a formalidade da situação. Além disso, nota-se também em diálogos entre os profissionais, como no episódio do dia 12/02/2024, o apresentador chama a repórter que está na rua, — “Boa tarde, Amanda, fala para a gente o que pegou nesse B.O aí, Amanda.” Dessa forma, buscam atender os anseios das classes populares, conforme discutido nos capítulos anteriores, pelo uso exagerado de gírias e outros elementos que aproximam Renato Rios Neto da sua audiência.

4.4 Superexposição da violência

Um dos pontos que mais se debatem na sociedade brasileira quando falamos de violência, é de que esse conceito e consequentemente as ações advindas, são fruto da

desigualdade socioeconômica. No jornalismo a disposição dessa pauta é colocada de forma que agrade o público consumidor, no entanto, Angrimani (1995) destaca que todos os dias as páginas dos jornais trazem a morte espalhada em diversas editoriais. Com isso, percebe-se que consumir superexposição da violência varia conforme a formação dos leitores, por isso, ao longo desta monografia trouxemos dados que apontam a audiência do jornal popular predominante nas classes B, C e D. Visto isso, Angrimani (1995) pontua que “Uma das críticas mais comuns, que se faz contra os jornais sensacionalistas, deduz que esse gênero de imprensa apanha um acontecimento [...] cotidiano, amplia-o, colaborando para a reprodução da violência.” (Angrimani, 1995, p. 57) Essa ampliação do fato acontece porque a morte no jornal precisa trazer a sensação, o clichê e o envolvimento com os detalhes do acontecido e outros aspectos dispostos na análise abaixo.

4.4.1 Análises dos episódios do Itatiaia Patrulha

Ainda sobre o primeiro episódio analisado, na segunda-feira (08/01/2024), a reportagem que abre o bloco 1 do programa exibe na *live* pelo YouTube imagens do local onde houve a perseguição da PM contra o suspeito de 26 anos, apontado como o responsável por disparar várias vezes contra o sargento Roger Dias. Quem está ouvindo pelo aparelho do rádio recebe a descrição dessas cenas por meio da reportagem conduzida por Oswaldo Diniz, que além de trazer dados sobre a quantidade de presos que ainda não retornaram da ‘saidinha de natal’, também comenta de como era a vítima em momentos particulares. Ao retornar para o estúdio, Renato Rios diz que a sociedade está de luto, pois a imagem do Sgt. Dias “caindo duro no chão” após ser baleado na cabeça são “um tapa em *nossa* cara”. Cabe ressaltar que ao longo do programa, ele menciona que não pode exibir essas imagens porque são fortes, mas que muitas pessoas já viram o vídeo, pois estava amplamente divulgado nas redes sociais.

Já no quarto bloco, por volta de 36:00, ao dar continuidade no programa, o repórter Diniz está do outro lado da cidade, na região metropolitana, para acompanhar uma ocorrência de perseguição policial após um roubo de celular que resultou na prisão do ladrão. Para situar o ouvinte do acontecido e transmitir a atmosfera do local para o receptor, ele busca nas fontes quais foram as sensações diante o acontecimento, como pode ser observado na descrição dada pela própria vítima.

37:44 — “Se eu não entregasse o celular, ele [ladrão] falou que ia passar com a moto por cima de mim, aí, depois eu fiquei desesperada”. Em seguida a vítima comenta a sensação de estar dentro da viatura no momento em que procuravam o assaltante pelo bairro “foi doido demais, foi legal demais. Teve muita aventura e adrenalina”, ressalta a vítima de 19 anos para a

reportagem. Esse episódio da vítima estar dentro da viatura é comum no meio jornalístico policial, em outros programas, é possível que o repórter também se desloque. O que contribui para que o ouvinte/telespectador esteja inserido no acontecido, ou seja, reforça o interesse do veículo em aguçar o imaginário da audiência, pois, não só descreve os elementos que compõem a cena, mas também o coloca ali. Deve-se considerar que no rádio essa superexposição é por meio da descrição de cenas, de como a moto ficou após a batida e também nas entrevistas melodramáticas somado aos comentários com percepções pessoais.

No programa seguinte, dia 09/01/2024, logo na abertura o ouvinte/telespectador já é situado sobre o desenrolar do caso Sgt. Dias. Observa-se que o Itatiaia Patrulha foi ao ar em uma edição especial, sendo transmitido do cemitério onde acontecia o enterro do militar morto durante operação que buscava capturar foragidos. Para falar desse episódio que se diferencia dos demais, cabe trazer o discurso inicial do apresentador:

00:30 — “Estamos falando diretamente aqui do cemitério Bosque da Esperança, no bairro Jaqueline, na zona norte da capital, onde neste momento vai ser enterrado o corpo do sargento Roger Dias, de 29 anos, vítima de um sistema, né? Esse policial que fez o juramento mesmo com o sacrifício da própria vida, não imaginava jamais que iria se deparar com um bandido que fingiu que levantou a mão disse “perdeu” mas com a outra mão sacou um revólver que estava na bermuda e efetuou dois tiros contra a cabeça do Sgt. Dias. E ali toda a sociedade morreu um pouco, né? Porque quando alguém mata, quando um bandido mata um policial em serviço, ele está atirando na sociedade.”

Ao longo da cobertura, o apresentador e a repórter estão posicionados em lugares distintos, ele afastado das pessoas e ela acompanhando a cerimônia próximo do caixão. No rádio, a repetição é utilizada inúmeras vezes pela necessidade de firmar o que está sendo noticiado sem que o ouvinte se perca, visto que, conforme apontado por Ortriwano (1985), o receptor está livre de fios e tomadas e não precisa ficar ao lado do aparelho. Assim como pontuado por Martins (2009) que os discursos de Gil Gomes tinha a repetição como elemento argumentativo de fixação e de alerta, o Renato Rios Neto no dia 09/01/2024, também repete a informação várias vezes. Nota-se que serve para elucidar o ouvinte de como está o clima das pessoas no velório a fim de comover a audiência por meio de cenas criadas pelo imaginário, e reforçar os discursos envolvidos na morte do policial.

No episódio do dia anterior, Renato Rios demonstrou bastante indignação com esse caso, e essa postura fica mais evidente porque ele foi até o local do velório e reforça o que acontecimentos como esse não devem ser normalizados. Para isso, ele utiliza da transmissão diretamente do cemitério em que ele demonstra indignação, como se tomasse as dores da

sociedade ao dizer que as pessoas não aguentam mais. Ou seja, ele deixa subentendido que está ali para dar voz a essa audiência indignada com a morte do policial e com possíveis outros benefícios que criminosos tendem a receber, mas nesse caso está mascarado diretamente nas “saidinhas de natal”. Quando Martins (2009) analisou a aparição de Gil Gomes na rádio Tupi, observou que a repetição de palavras exaustivamente em seu programa popular, com ênfase no jornalismo policial, serviu para ativar o imaginário do ouvinte. A compreensão da autora corrobora com o posicionamento do narrador de que todos devem compartilhar daquelas mesmas emoções, por isso ele provoca debates, e em determinados momentos ainda convida o ouvinte para compartilhar sua opinião.

No dia 10/01/2024 o programa se inicia com a prévia de uma reportagem sobre a morte de uma jovem a facadas, sendo o principal suspeito, o companheiro da vítima. Como o fato é recente e as testemunhas são familiares da jovem lamentando o ocorrido, é no dia seguinte que a apuração é mais completa, visto que, a perícia e a polícia já divulgaram outras informações. Após ter conhecimento de mais informações sobre o caso que se enquadra como feminicídio, o Itatiaia Patrulha traz uma vinheta que antecede a rotineira abertura do programa, a voz grave ressurge junto ao BG que lembra trailer de filme suspense. Pacheco (2005) diz que os efeitos e trilhas sonoras favorecem que o cenário seja mais real e contribua para ampliar a tensão dos ouvintes. O discurso dessa vinheta reafirma que a emissora se posiciona frente aos problemas da sociedade: “Itatiaia patrulha não se cala. Violência contra mulher, a ferida aberta em nossa sociedade”. Em seguida, o apresentador Renato Rios Neto afirma que a família está dilacerada após o episódio de violência contra essa mulher, para contribuir com essa afirmação, ele solta um trecho da entrevista com a irmã da vítima.

A entrevista possui falas inaudíveis, mas ela contextualiza detalhes pessoais, dizendo que a jovem morta estava trabalhando em prol de juntar dinheiro para organizar a festa de aniversário do filho que iria completar 1 ano, — “Ela queria fazer a festinha dele, agora acabou, ele [suspeito] destruiu a minha vida”. Essa frase está coberta por um background dramático, que após finalizada, tem o volume da trilha sonora aumentado, e o apresentador demonstra estar perplexo com a situação ao dizer “nossa senhora”. Antes de chamar a reportagem completa, o apresentador repassa algumas informações para o ouvinte, essas que chegam em tom de alerta e falas intensas, tendo em vista que o principal suspeito continua foragido.

04:27 — “É uma situação tão triste, uma jovem né, gente, 18 anos. É uma adolescente. O principal suspeito, o companheiro dela, até agora não deu as

caras. Dá as cara, fi!. Se apresenta, xará! foi homem para fazer tem que ser homem para pagar o B.O, uai. Não é não? Patifaria! Extrema violência. Até a perícia ficou perplexa com tantas e tantas e tantas facadas. Um detalhe dito para o Oswaldo Diniz foram mais facadas do que anos que ela tinha. Ou seja, se ela tinha 18 anos, foi no mínimo 19 facadas, né, gente, meu Deus. Bom, prepara seu coração, quem avisa amigo é.”

A situação narrada acima, é com uma abordagem dramática, a voz do apresentador enquanto narra a situação reforça o sentido trágico do momento, principalmente quando ele aponta detalhes do crime e posteriormente pede ao ouvinte que se “prepare”. O repórter Oswaldo Diniz prossegue com as outras informações apuradas sobre o caso, destacando que a jovem vítima de feminicídio foi sepultada naquela tarde, pouco antes do início do Itatiaia Patrulha da quinta-feira, 11/01/2024. No dia anterior, esse episódio de feminicídio já havia sido veiculado, mas estava recente e as informações foram repassadas pela irmã e mãe da vítima, conforme dito anteriormente, ambas bastante abaladas. Nota-se que, no dia seguinte, as duas entrevistas foram ao ar novamente, reforçando a tristeza da família e dando destaque a situação que envolve a jovem morta com mais de 18 facadas pelo companheiro. Ainda nesse episódio, percebe-se que possui outras informações já apuradas com quem atendeu a ocorrência e outras informações que facilitam a identificação do suspeito.

Pode-se dizer que a exibição dessas entrevistas possuem o propósito de alertar outras mulheres que são vítimas de violência, mas para atingi-las utilizam-se da estratégia sensacionalista pois amplia o acontecimento para vender mais, ou seja, atrair audiência. Angrimani (1995) discute que fazer a valorização de notícias como a destacada anteriormente, é para o jornal atender os interesses do público. E toda a narrativa é dada pela ênfase criada no cenário que é cada vez mais problematizado no discurso do apresentador.

As declarações do apresentador e do repórter frente a esse caso de feminicídio, nos dois dias em que a reportagem aparece, faz apontamentos e indica buscar justiça para essa família ter alívio, tudo isso pedindo para que o suspeito se entregue. Diante disso, pode-se questionar se as práticas adotadas no discurso de cobrança fazem parte de características sensacionalistas que faz “o uso de artifícios inaceitáveis para a ética jornalística” (Amaral, 2011, p.23), isso porque Amaral reforça ainda que “Os interesses econômicos são centrais na definição dos modos de ser dessa imprensa [...]” (Amaral, 2011, p.23) Entretanto, Fuccia (2008) ressalta que o compromisso social da reportagem policial exige bom senso, isso porque os profissionais de comunicação devem-se atentar à repercussão na vida de terceiros. Entende-se que o uso de artifícios sensacionalistas dão luz à superexposição da violência e

interferem diretamente na posição dos apresentadores, no status do programa, no contexto cultural e também do público-alvo.

11:22 — “Estava um pouco em cima do muro. Oh, suspeito. Mas não, é o cara mesmo se ele falou para irmã, pô, para a irmã da vítima. Então, gente, a casa tem que cair, quem tiver denúncias aí, tem a foto do suspeito, disque denúncias 181 e ressaltando, hein, gente, ressaltando, o que disseram ali, a família dele não tem culpa, hein, gente. A mãe, o pai, irmão, sei lá, são os familiares, né? O B.O é dele, ele tem que segurar. Porque foi muita covardia. Foi muita violência. Foi uma cena brutal e é uma família em luto neste momento uma mãe que enterrou uma filha de 18 anos.

— É uma avó que enterra a filha de 18 anos e agora vai ter que cuidar da netinha, né? Porque tem que cuidar do bebê, uai gente! Pelo amor de Deus, a casa tem que cair! [barulho de cela sendo trancada]. E esperou o flagrante passar, né? Tivesse se arrependido mesmo ficava na cena do crime, ligava no 190 e falava, fiz uma lambança aqui totalmente arrependido sou culpado, pode me levar preso. Isso acontece direto. Agora o cara foge e depois vem falar dar um migué que tá arrependido, para sô! Isso é migué. Tá arrependido mas não quer encarar o xilindrô não né? não quer encarar a cadeia não? Pra gente ter perdão, tem que pagar tem que pagar pelo pecado cometido, não é verdade? Então é complicado sô, força para essa família muita força mesmo, porque eles vão precisar.”

O trecho acima teve pouco mais de um minuto, tempo suficiente para que o apresentador desabafar sobre a situação que essa família se encontra. Além das falas que indicam que esse companheiro suspeito de matar a jovem precisa ser preso, os sons que se complementam com a fala do Renato Rios contribuem para a construção de uma narrativa carregada de apelos dramáticos. Diante desse panorama, “O repórter policial nunca deve esquecer que, além da precisão da notícia, estão em jogo bens jurídicos que, por seu relevo, merecem a tutela da legislação penal e de outros ramos do Direito, como a vida, a integridade física, a liberdade, a honra [...]” (Fuccia, 2008, p.36)

Na sequência, ainda no episódio do dia 11/01/2024, outras matérias também foram introduzidas, essas tratavam-se de temas gerais que compõem a editoria de polícia, como assaltos, atualizações sobre reportagens investigativas em andamento e informações de acidentes de trânsito. A investigação que Renato Rios comenta estar sendo apurada é sobre facções criminosas que estão chegando para comandar o crime na região Oeste de Belo Horizonte, em tom de alerta ele diz que não é algo comum na cidade. Por meio das investigações, ele diz que essa organização veio do Rio de Janeiro.

47:00 — “Agora os caras estão chegando daquele jeito, então é um alerta. Eu sei que a polícia tá trabalhando, fazendo a casa cair, mas é necessário um trabalho conjunto principalmente de inteligência para quebrar a firma, né?

Porque não adianta só dar aquele pulo ali pular na biqueira e tal não, tem que ser um trabalho de inteligência para realmente quebrar as pernas do crime organizado, né? De preferência até junto com o governo do Rio porque senão meu filho, depois vai ser tarde. Então informações exclusivas [...] quem avisa amigo é, a casa tem que cair na Cabana do Pai Tomás”.

O momento em que o apresentador utiliza os minutos finais do programa para informar que uma reportagem investigativa está em andamento e que, no tempo certo ele irá soltar alguns detalhes, aguça a curiosidade do ouvinte, produzindo sentido para que ele retorne no dia seguinte. Reforça ainda a ideia de furo jornalístico, com isso a matéria possui credibilidade, em paralelo, por se tratar de um assunto que envolve facções criminosas, a fala de Renato Rios se justifica no discurso estereotipado em busca de medidas repressivas contra os “pilas”. Para ambientar quem está na audiência, a narração dele está por cima de um BG que remete a alerta, e nisso ele reforça que a cidade de Belo Horizonte não é comum a atuação de facções criminosas. 41:43 — “O TCP, terceiro comando puro, é a terceira maior facção do Brasil e a segunda maior do Rio de Janeiro. Uma facção muito perigosa e tem guerra com comando vermelho, né? E que atua aí no tráfico de drogas um crime organizado.”, como forma de ampliar a gravidade da situação, ele mostra para o ouvinte que os moradores da comunidade estão tendo seus muros pichados com frases que remetem ao crime, ostentação, funks e até passagens bíblicas. Acrescenta ainda que essas pessoas não têm culpa, mas que já sentem o medo e procuram o Itatiaia Patrulha para mostrar que os “criminosos” não pedem licença para grafitar suas paredes.

48:10 — “Gente, essa matéria eu estou trabalhando nela há muito tempo, investigando tudo que eu falei aqui [...] eu tenho que mostrar porque a sociedade tem que saber, né? A gente fica às vezes achando que tá no mundo onde tudo é belo, e não é, né? [...] então nós temos que mostrar.”

Contribuindo para a visão de Pacheco (2005) de que os programas policiais nas emissoras de rádio são, na maior parte das vezes, os que atraem com mais veemência a atenção do público, a busca pela atenção é trabalhada por meio de relatos superficiais sobre o que Renato Rios Neto tem descoberto em sua apuração. Conforme apontado por Lamas (2012) entendemos que em determinado momento o apresentador evita fazer longos comentários opinativos sobre segurança pública e o porquê da necessidade da atuação da polícia no combate à violência. Mas ainda sim o apresentador consegue esse resultado de outra forma. A autora ressalta a naturalidade de comentários mais diretos, ou seja, ele “simplifica tudo ao reduzir o discurso a esses bordões de fácil entendimento e contágio.”

(Lamas, 2012, p.57) No entanto, para além de conseguir a atenção do ouvinte, é preciso que o jornalista se atente aos fatos noticiados e, conforme pontuado por Fuccia (2008), agregue na informação pontos relevantes de contexto e quais as consequências para que a notícia não fique empobrecida.

5 CONCLUSÃO

O presente estudo buscou compreender quais as relações entre o programa Itatiaia Patrulha com as matrizes do jornalismo popular e do jornalismo policial. Entende-se como matrizes os elementos que se destacaram e tornaram-se característicos desse segmento da imprensa. Contamos com os principais pontos que mais chamaram atenção na composição popular e policial a fim de relacioná-los com o programa da emissora Itatiaia.

O objetivo inicial envolvia refutar ou confirmar a hipótese de que as estratégias comunicativas do Itatiaia Patrulha se apoiavam no jornalismo policial e popular para atrair e fidelizar sua audiência nos dias atuais. Conforme identificamos e disponibilizamos nesta pesquisa, a chegada de programas televisivos que se propunham a falar de violências urbanas, tragédias criminais e casos do cotidiano com abordagens apelativas às emoções, fez com que o rádio se adaptasse em meio a tantas revoluções tecnológicas. Considerando essa questão, os programas radiofônicos se estruturaram para atender uma nova demanda, para isso, apostaram em um conjunto de elementos que conversassem mais próximo do público.

Para chegar a essa conclusão, a pesquisa teve como ponto de partida a observação de cinco episódios do Itatiaia Patrulha que foram somados às análises presentes no referencial teórico. Entende-se que o jornalismo popular é carregado de um envolvimento com o público, que se propõe a discutir questões relacionadas à vida cotidiana, conforme destaca Amaral (2011). Além disso, os jornais populares utilizam da possibilidade de narrar os acontecimentos por meio de artifícios sensacionais e melodramáticos de forma coloquial, buscando fortalecer sua proximidade com a audiência. Em paralelo, o jornalismo policial surge com uma linguagem mais descritiva dos casos, dando ênfase nas histórias e nos desdobramentos dos fatos. Ademais, consegue relacionar o sofrimento de vítimas com um discurso incisivo, que explora opiniões e tom de revolta por parte de quem apresenta. Consideramos que, utilizar de uma narrativa simples e humanizada para contar a história que existe por trás de uma notícia da editoria de polícia, faz com que essa simplificação torne-as compreensíveis e palpáveis à classe popular.

Examinar a análise de Manso (2023) foi importante, pois o autor compreende que quando os jornais começaram a se popularizar e divulgar informações sobre os acontecimentos das cidades, as reportagens policiais foram uma fonte inesgotável de histórias. Histórias essas que contribuíram para um fazer jornalístico voltado para o apelo às emoções, facilitado pelo uso de elementos sensacionalistas, bordões, frases clichês e repetição de informações.

As relações supracitadas evidenciam a busca pela fidelidade da audiência. Visto que, por mais pesado que seja o conteúdo noticiado no programa, o narrador procura aguçar o imaginário do ouvinte, fazendo-o refletir sobre o acontecido, das consequências e dessa maneira, demonstra uma “humanização” no debate. No entanto, é preciso refletir sobre a valorização da notícia, como o profissional de comunicação deve-se atentar às suas responsabilidades éticas, e também aos direitos individuais ou coletivos.

Consideramos que os produtos radiofônicos naturalmente estabelecem uma proximidade com o ouvinte, porque o rádio é possivelmente o veículo de comunicação que retrata com mais proximidade a linguagem popular, proposto por Pessoa (2004). Com isso em vista, nota-se o crescente uso de jargões, gírias e ditados populares. Para fidelizar e atingir o convencimento supracitado, os profissionais de rádio desenvolvem técnicas que possibilitem conquistar os ouvintes, como é o caso do apresentador do nosso *corpus*, Renato Rios Neto. Ter a compreensão desses pontos, foi viabilizado pela análise dos episódios do Itatiaia Patrulha e como os operadores analíticos previamente escolhidos com base na bibliografia trabalhada estiveram presentes: entrevistas, estética do jornalismo policial e superexposição da violência.

Noticiar fatos violentos, criar sensação de insegurança e cultivar o medo, faz com que as pessoas sintam a necessidade de ter alguém ou algo para protegê-las, conforme destaca Moraes (2017). E isso é construído desde a estrutura e estética do programa, haja visto que, utilizam de efeitos sonoros que remetem a barulhos de cadeados, giroflex de viaturas, perseguição, helicópteros sobrevoando e outros sons comuns aos programas policiais. Tudo isso corrobora para o poder das forças como solução, ideia presente nos discursos e indagações que são levantadas em tom de revolta pelo apresentador. Observando também o comportamento dos repórteres do Itatiaia Patrulha, entendemos que eles usam a chamada de atenção do ouvinte para o assunto principal por meio de frases repetitivas e “clichês” durante as entrevistas que compõem as reportagens veiculadas. A presença de fontes populares e fontes de autoridade faz com que o ouvinte se identifique com a dor do outro, porque esses entrevistados não adotam uma posição neutra. Além do mais, como o rádio prega a instantaneidade, a ideia que transparece é de prestação de serviço, ou seja, aquele acontecido vai receber visibilidade das autoridades competentes.

A construção deste trabalho se debruçou no que buscamos entender e referenciar como matrizes do jornalismo popular e do jornalismo policial, a fim de responder qual a principal relação dos elementos notados, dispostos em operadores analíticos com o Itatiaia Patrulha. No entanto, ao analisar os cinco episódios escolhidos, foi perceptível que determinados

momentos destacam mais que outros, entretanto, tangencia o objetivo traçado inicialmente. Pude observar que para atender diferentes canais de informação dispostos nos dias atuais, a Itatiaia criou perfis oficiais no YouTube e também nas redes sociais, o que tem possibilitado armazenamento de conteúdos vinculados a programação veiculada na FM 95.7. Além de favorecer a participação do ouvinte, visto que, inúmeras vezes o apresentador do Itatiaia Patrulha convida sua audiência para visualizar e engajar com imagens e vídeos que compõem as reportagens. Por meio dessa interação entre narrador e ouvinte, algumas características do rádio se sobressaem, como, por exemplo, imediatismo, instantaneidade e sensorialidade. Acredito que, em futuros trabalhos, esses aspectos podem ser analisados com mais profundidade e reconhecimento que o rádio, enquanto veículo tradicional de comunicação, merece. Além disso, a temática do jornalismo policial também merece destaque, especialmente devido à sua expansão para outras plataformas e à constante reinvenção dos programas para manter o discurso pautado nas violências cotidianas, e a busca contínua pela proximidade com a audiência.

Ao refletir sobre as dificuldades enfrentadas durante esta pesquisa, destaco o desafio de encontrar informações sobre rádios que oferecem programas dedicados ao jornalismo policial. Apesar de encontrar inúmeros portais nas redes sociais e jornais online por meio de mecanismos de busca, dados específicos sobre programas radiofônicos foram vagos. Tanto que a maioria dos trabalhos listados na referência abordam essa temática baseada em programas televisivos. Para solucionar essas dificuldades, busquei outras referências, principalmente em trabalhos que analisavam o papel desempenhado pelos apresentadores de programas policiais.

REFERÊNCIAS

- AIRES, Thiara Maria Castilho; ROSENZWEIG, Patrícia Quitero. **A identidade cultural do jornalismo policial Chumbo Grosso**. Revista Panorama-Revista de Comunicação Social, v. 5, n. 1, p. 31-41, 2015.
- AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular** - 1.ed., 2a reimpressão - São Paulo: Contexto, 2011.
- ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.
- ARAÚJO, Carolina Santos Garcia de. **Cultura popular e telejornalismo local uma análise do modo de endereçamento do programa Na Mira, da Tv Aratu**. 2019, 99 p. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Jornalismo) - Faculdade de Comunicação - Universidade Federal da Bahia., Bahia, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/31018>. Acesso em: 4 abr. 2024.
- ARAÚJO, Carolina Santos Garcia de. **Telejornalismo e a temática policial na TV brasileira**: análise cultural de gênero nos programas Brasil Urgente e Cidade Alerta. 185 fls. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.
- ASCOM. Primeira transmissão oficial, em 1922, marcou o início do rádio no Brasil. **Ministério das Comunicações**, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2022/setembro/primeira-transmissao-oficial-em-1922-marcou-o-inicio-do-radio-no-brasil>. Acesso em: 30 jan. 2024.
- BLOIS, Marlene M. **O rádio nosso de cada dia**. Comunicação & Educação, n. 6, p. 13-21, 1996.
- BORGES, Rosane da Silva. **Jornalismo-verdade ou condenação sumária**: jornalismo policial e os mal-ditos no programa de TV Bandeira 2. 2002. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Paris: Jorge Zahar Editor, 1997.
- CASTRO, Mayariane RC; FERREIRA, Luiz Claudio. **Jornalismo policial**: o componente racial na editoria do “monitor da violência” do Portal G1. Programa de Iniciação Científica-PIC/UniCEUB-Relatórios de Pesquisa, 2021.
- COSTA, Maria Tereza Paulino da. **A justiça em ondas médias** : o programa Gil Gomes. 1989. 217f. Dissertação (mestrado)-Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1574788>. Acesso em: 31 jan. 2024.
- FUCCIA, Eduardo Velozo - **Reportagem Policial**: Um jornalismo peculiar. Santos, SP : Realejo edições, 2008.

KANTAR IBOPE MEDIA. Análise de dados: audiência geral de Rádio – janeiro/2023 a março/2023. [S. l.], 2023. **Portal Kantar**. Disponível em: <https://kantariopemedia.com/conteudo/dados-rankings/audiencia-geral-de-radio-janeiro-2023-a-marco-2023/>. Acesso: 25 mar. 2023.

LAMAS, Marília de Freitas. **Jornalismo popular e violência**: Wagner Montes e o discurso na incitação ao estado policalesco. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação-Habilitação em Jornalismo)-Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

MARTINS, Maísa Silveira. **A repetição como estratégia argumentativa na narrativa de Gil Gomes**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, p.144. 2009.

MANSO, Bruno. De Gil Gomes ao True Crime, uma breve história do jornalismo policial. In: De Gil Gomes ao True Crime, uma breve história do jornalismo policial. São Paulo: **Jornal da USP**, 7 jul. 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/articulistas/bruno-paes-manso/de-gil-gomes-ao-true-crime-uma-breve-historia-do-jornalismo-policial/>. Acesso em: 4 abr. 2024.

MATSUKI, Edgard. Cem anos do rádio no Brasil: das emissoras pioneiras até a Era de Ouro. **Agência Brasil**, 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-06/cem-anos-do-radio-no-brasil-das-emissoras-pioneiras-ate-era-de-ouro#:~:text=Faltam%2090%20dias%20para%20a,curiosidades%20hist%C3%B3ricas%20do%20r%C3%A1dio%20brasileiro> . Acesso em: 30 jan. 2024.

MORAIS, Andreia. **A relação entre jornalistas e fontes na cobertura policial de rádio**. Dissertação (Mestrado em jornalismo) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2017.

MEMÓRIA DA POLÍCIA CIVIL DE SÃO PAULO. Grandes repórteres policiais. São Paulo, [2019]. **Portal Memória da Polícia Civil de São Paulo**, disponível em: <https://www.memoriapoliciacivilsp.com/grandes-reporteres-policiais>. Acesso: 25 mar. 2024.

NEUBERGER, Rachel Severo Alves. **O rádio na era da convergência das mídias**. Cruz das Almas: EDUFRB, 2012. 162 p.

OLIVEIRA, Danilo Duarte. **Jornalismo Policial**: uma análise do sensacionalismo nos telejornais baianos. In: XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Bahia. 2012.

OLIVEIRA, Danilo Duarte. **Jornalismo policial na televisão**: gênero e modo de endereçamento dos programas Cidade Alerta, Brasil Urgente e Linha Direta. 2007. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social)-Programa de Pós Graduação em Comunicação e Culturas Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio**: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985. 117 p., il. (Novas buscas em comunicação Summus), v. 3). Inclui bibliografia. ISBN 9788532302120.

PACHECO, Alex Rômulo. **Jornalismo Policial Responsável**. Monografia (Jornalismo). Universidade do Contestado – UnC, Santa Catarina, 2005.

PESSOA, Sônia Caldas. **Itatiaia Patrulha**: As histórias da vida: A co-construção de identidades em programa policial radiofônico. 2005.

RIBEIRO, Fábio. **Gosto e classe social no interior da indústria cultural brasileira**: o caso do telejornalismo policial. csonline-revista eletrônica de ciências sociais, n. 23, 2017.

RIBEIRO, Gustavo Vilela. **Informação Jornalística no Rádio**: Análise De Conteúdo Comparativa entre o Radiojornal Jornal BandNews e o Podcast Café da Manhã. 2019. 158p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

RODRIGUES, Camilla de Freitas. **Análise conteudística do podcast “Projeto Humanos”**. 2018. 106 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2018.

SCHARGEL, S. Entrevista com Marialva Barbosa: Uma discussão sobre o jornalismo de sensações e a era de ouro do jornalismo carioca. Projeto História : **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 77, p. 378–394, 2023. DOI: 10.23925/2176-2767.2023v77p374-395. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/59774>. Acesso em: 20 fev. 2024.

SILVA, Allana Luiza de Lima. **Os impactos das tecnologias digitais na produção, distribuição e consumo de conteúdos radiojornalísticos**: um estudo de caso da Rádio São Francisco. 2022. 80 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. **Memória, história e poder**: a implantação dos meios de comunicação no Brasil. Logos, v. 4, n. 2, p. 5-10, 1997.

SOUZA, Roberta de. **Do jornalismo policial ao podcast de true crime**: storytelling e sonorização como recursos narrativos da série "A Mulher da Casa Abandonada". 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.